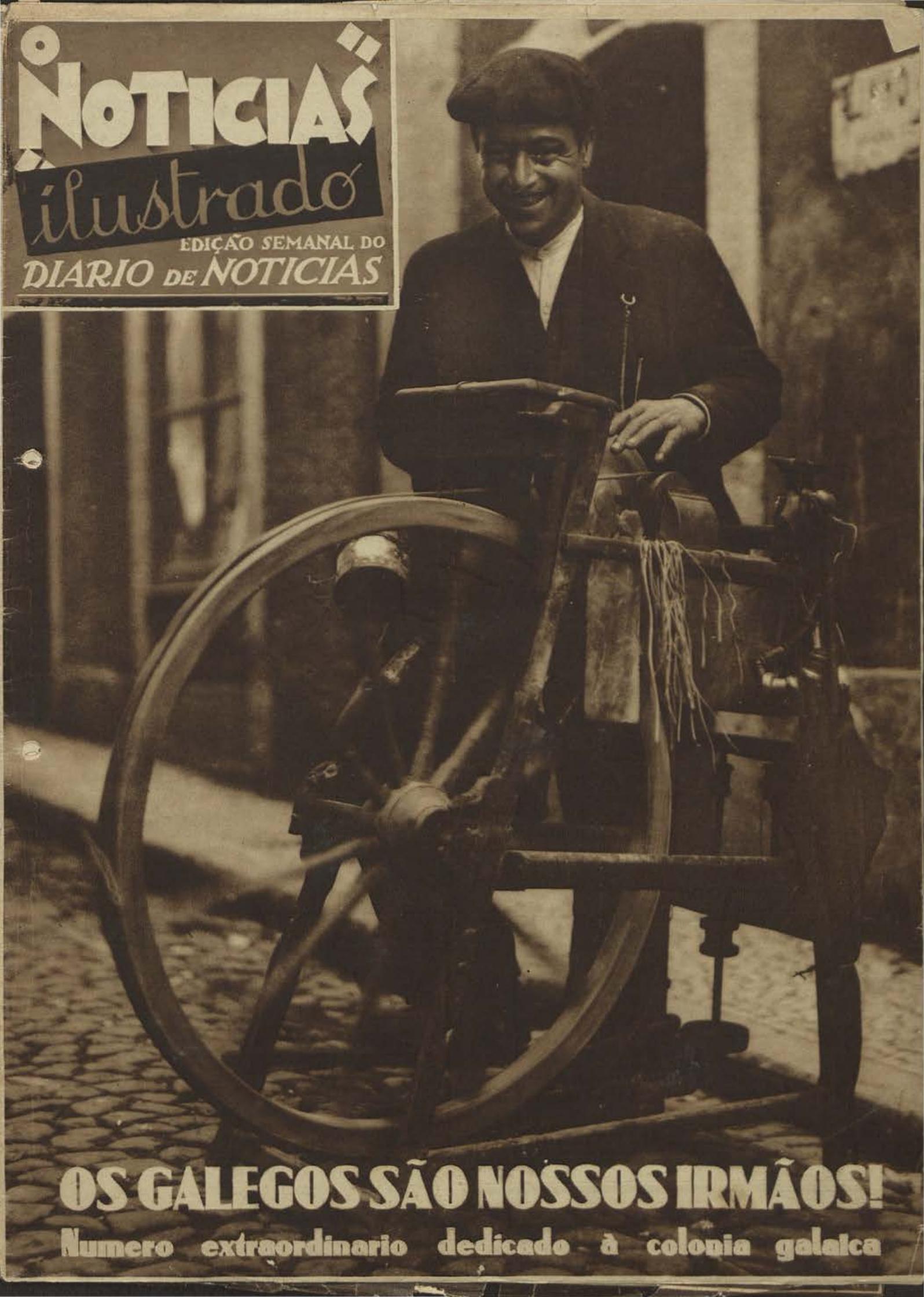


# NOTÍCIAS

## ilustrado

EDIÇÃO SEMANAL DO

DIÁRIO DE NOTÍCIAS



### OS GALEGOS SÃO NOSSOS IRMÃOS!

Numero extraordinario dedicado à colonia galatca

ANO I - SÉRIE II - N.º 39

O NOTÍCIAS ILUSTRADO

LISBOA, 10 DE MARÇO DE 1929

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS». SÉDE: RUA DIÁRIO DE NOTÍCIAS 78  
 LISBOA - TELEFONE: T. 821 - TELEGRAMAS: NOTÍCIAS-LISBOA - OFICINAS GRÁFICAS:  
 COGRAVURA, LIMITADA, RUA D. PEDRO, V. 18. - TELEFONE: 631 N. - LISBOA

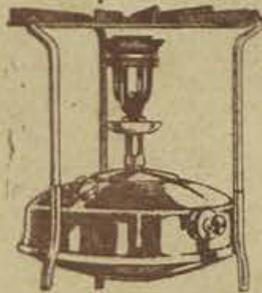
PREÇOS DE ASSIGNATURA	6 MESES		12 MESES		32 PAGINAS
	Portugal Continental e Insular. . . . .	85000	Portugal Continental e Insular. . . . .	70000	
	Ultramar. . . . .	95000	Ultramar. . . . .	78000	NUMERO AVULSO 1\$50
	Espanha. . . . .	88000	Espanha. . . . .	78000	
	Brasil. . . . .	45000	Brasil. . . . .	88000	
	Outros países. . . . .	50000	Outros países. . . . .	100000	

DIRECTOR: LEITÃO DE BARROS - EDITOR: ANTONIO DAS NEVES CARNEIRO - DIRECTOR-GERENTE: CAROLINA HOMEM CHRISTO



De manhãzinha,

é esta a maior felicidade para aqueles que teem a consciencia tranquila por possuírem um Fogão VACUUM que prepara um pequeno almoço em 10 minutos e por isso os não deixa chegar atrazados.



**FOGÃO VACUUM**

**Vacuum Oil Company**

Rocio: 67 - Tel. N. 3073, e nas suas agencias

**DURÁN, GARCIA & C.ª**

Engenheiros

LISBOA

Instalações electricas e industriais

MOTORES S. L. M. «Winterthur»

**Café Tavares A SUCURSAL**

RUA DO MUNDO, 60-62

Almoço com vinho e Café	10\$00
Jantar » » »	12\$00

**RICARDO VELLOSO FEIJO, LTD.**

OURIVES-JOALHEIRO

Grande e variado sortimento em objectos com brilhanças, ouro e prata  
 Variadissimo sortido em objectos para brindes

COMPRAM-SE JOIAS, OURO E PRATAS FELOS MELHORES PREÇOS.

273, RUA DOS CORREIROS, 273 - LISBOA

(ANTIGA R. DAS GALINHEIRAS - FRENTE A PR. DA FIGUEIRA)

# Uma sopa nova - que varia de dia para dia -



## estimulará o apetite

Já a pode variar constantemente incluindo néla este admirável alimento

**B**ASTA servi-la uma vez a sua mesa... Todos, e sobretudo os pequenos, gostarão dela. Uma sopa feita com a base da Quaker resulta mais densa, mais alimentícia, com um sabor não só delicioso mas até diferente do das sopas conhecidas

Os elementos nutritivos que caracterizam a Quaker contribuem poderosamente para o desenvolvimento das crianças. Formam e fortalecem-lhes

os ossos e renovam-lhes as energias dispendidas nos estudos e nos recreios. E a grande quantidade de fosfatos torna a Quaker um alimento ideal para pessoas de todas as idades.

Em sopas é a Quaker melhor que tudo. Substitui com grande vantagem o arroz, a tapioca, e todos os outros elementos semelhantes e banais. E, ainda, qualquer sopa feita com estes ganhará em sabor e em sustancia se a Quaker se lhe acrescentar.

Compre hoje mesmo um pacote e verifique como isto é verdade.

Unicos Importadores  
Estabelecimentos  
Jeronimo Martins & F.ª  
Lisboa



ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Portugal, país acolhedor

Por ALEJO CARRERA

*E' deveras interessante a iniciativa do "Noticias Ilustrado" dedicand'o um numero especial à colonia galega residente em Lisboa e esto' certo que todos os meus conterraneos, que não costumam ser ingratos, hão-de guardar um duradouro reconhecimento por tão gentil prova de deferência.*

Coincide esta iniciativa com outra que já entre nós produziu a melhor das impressões. Refiro-me à semana Portuguesa na Galisa para a qual já o presidente da sociedade "Juventud de Galicia" deu o seu apoio, cumprindo assim um mandato da respectiva assembleia geral.

Sinto-me um pouco embaraçado ao falar das qualidades ou defeitos, da actividade comercial e industrial, da posição social e da conduta dos gallegos residentes em Portugal, não só porque não tenho para isso as necessarias qualidades literarias, mas também porque ao falar dos meus conterraneos é como se falasse de mim-mesmo, tão identificado estou com eles e tantas são as relações de amizade que me unem à sua grande maioria.

Não chamarei, por isso, um artigo, a estas notas que envio ao "Noticias Ilustrado" para corresponder ao seu captivante convite.

E' a meu ver difícil saber ao certo qual foi o primeiro gallego que chegou; a Lisboa no entanto Viceto, na sua historia da Galisa, afirma que D. Orduño II, rei da Galisa, chegou até Lisboa e aprisionou bastantes mouros que conduziu para as terras de Leão. Se assim foi, vem já de longe a predileção dos meus conterraneos por Portugal. Simplemente, aquele rei vinha conquistar os mouros com as lanças e as espadas e os gallegos do meu tempo apenas pretendem conquistar os corações dos seus irmãos portugueses.

Anedoctas e frases a nosso respeito tem-se dito e escrito muitas, algumas injustas ou mortificantes, outras apenas humoristas. Mas não se deve esquecer que entre a gente de alem Douro, entre minhotos e gallegos, apenas existem características diferentes.

Tem-se dito que nós, gallegos, somos mais tristes do que alegres, mas eu julgo que o nosso povo é principalmente humorista. Confirma-o o facto de os principais escritores humoristas de Espanha serem gallegos, e entre eles figura Fernández Flores.

Em Lisboa, ou melhor, em Portugal, existem varios milhares de gallegos; talvez não seja um exagero dizer que vemos mais de quarenta mil. Não pode isso surpreender, dadas as afinidades de raça, de costumes e de lingua.

Pode sem duvida dizer-se que ao desenvolvimento da vida portuguesa tem dado esta colonia o melhor do seu esforço participando em grandes empreendimentos de ordem comercial e industrial que nos seus diversos aspectos constituem um factor positivo.

São bastantes os meus conterraneos que pelo seu trabalho honesto conseguiram uma situação economica e social de grande relevo. Podia citar numerosos nomes. Vou somente referir-me a alguns dos mais salientes como sejam os srs. Antonio Guisado Garrido, Amadeu Domingues Contreras e Agapito Serra Fernandes. Este ultimo, que ainda ha poucos anos foi condecorado pelo governo português com o officialato da Ordem de Cristo e varias vezes louvado nas Ordens do Exercito pelos serviços que desinteressadamente prestou durante a grande guerra, oferecendo gratuitamente as suas instalações e edificios ao Ministerio da Guerra; que durante uma crise de trabalho mandou construir um bairro de casas baratas que naquela ocasião alugou a três escudos; que para comemorar o primeiro aniversario da Republica distribuiu um budo aos pobres, de duas mil senhas, tem, como muitos outros conterraneos, sabido corresponder, ao acolhimento dispensado pelos portugueses, com actos de benemerita filantropia e com empreendimentos de grande importancia, em lugar de tornarem parasitaria as suas fortunas. Todos tem participado nas obras de beneficencia pertencendo e exercendo diversos cargos nas direcções dessas instituições.

Não é necessario dizer que o numero dos modestos trabalhadores é muitissimo maior que o dos abastados, o que não que não quer dizer que isso seja motivo para que não exista a mais cordial convivencia entre todos. A vida desta numerosa legião de trabalhadores desenvolve-se nos mais variados aspectos da actividade humana.

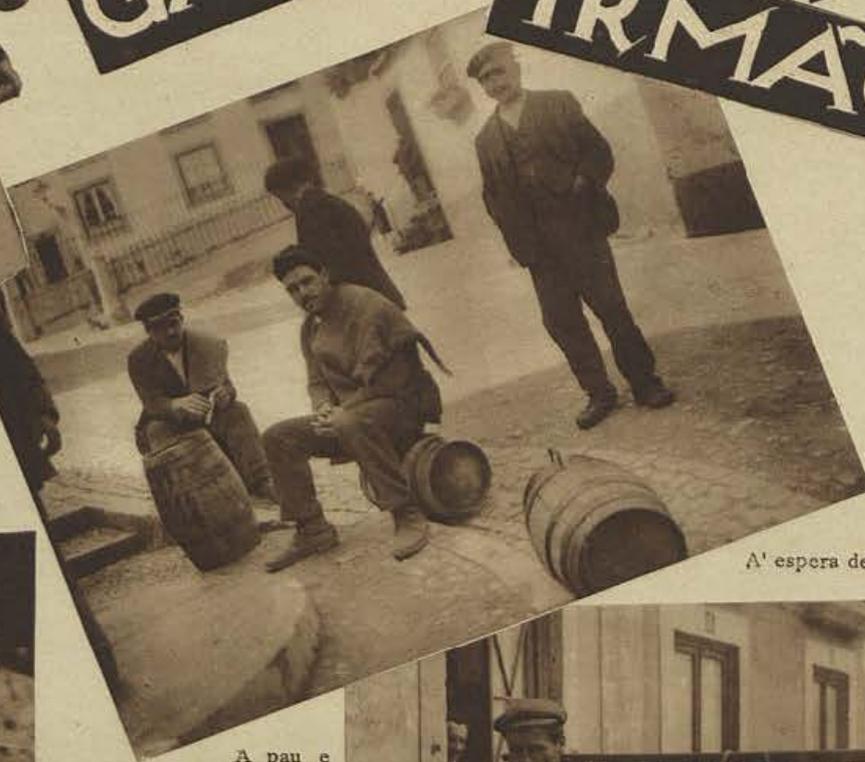
Como espanhoes, e portanto juridicamente estrangeiros, embora pelas grandes afinidades e sentimento sejamos verdadeiros irmãos dos portugueses, todos os gallegos residentes em Portugal nos sentimos orgulhosos de um facto; a percentagem quasi negativa que as estatisticas accusam no roubo e no crime.

Por outro lado, as demonstrações de amizade sincera entre gallegos e portugueses, constata-se pelos numerosos enlacs consagrados pelo amor...

Lisboa, 5-3-29.

ALEJO CARRERA

# OS GALEGOS SÃO Nossos IRMÃOS!



A tradição galai-  
ca em Portu-  
gal é das mais  
curiosas, das mais  
características.  
Dessa região admi-  
rável que um poe-  
ta supremo da Es-  
panha cantou en-  
ternecidamente,  
Curros Henriquez,  
no seu livro ma-

A' espera de vez!

O agu. deiro

A pau e  
corda. Pe-  
sado frê-  
te!



ximo «Aires de mi tierra» desse torrão abencoado, que é Portugal na cõr quen e da sua paisagem, na suavidade acalentadora do seu cõima, dessa terra de monumentos antigos e de troveiros campezinos, teem vindo pacientemente, hora a hora, ano por ano, seculo, por seculo gerações de gente de trabalho, familias inteiras à terra portuguesa, onde um nobilitante trabalho lhe dá quasi fõros de naturais. O arduo labor das suas profissões grangeiou à população galega que vive entre nós, uma simpatia fraterna, um convívio demorado, uma cativante estima que aproximou as duas raças como se verdadei-

Concertos rapidos de cafeteiras, com esmerada perfeição; o funileiro anda de porta em porta proclamando a sua humilde utilidade, em troco de minima paga.

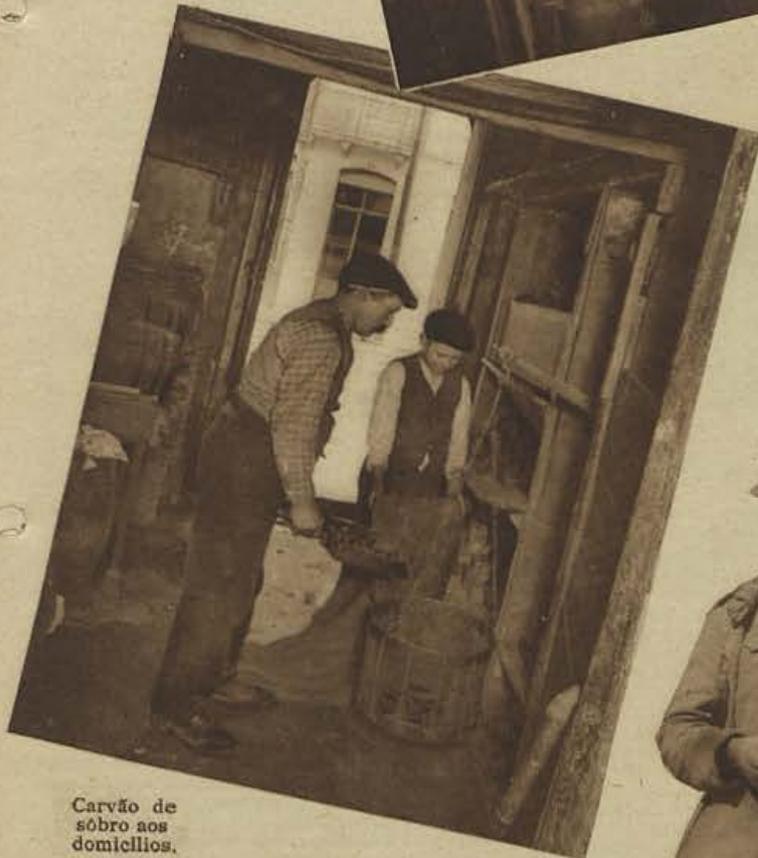
ros irmãos fossem, como se as norteiasse um mesmo ideal de trabalho, a mesma religião de atividade e de esforço.

Prepara-se Portugal para celebrar a *semana galaica*, sete dias de consagração dos nossos seculares visinhos e amigos. «O Noticias Ilustrado» dá com este numero a sua comovida colaboração nessa homenagem à colonia galaica que em Portugal tem tão numerosa representação. Irmãos na raça, na



Isclas com clas, ou sem clas?...

Carvão, bolas e «petrolino»



Carvão de sóbro aos domicilios.

a da Galiza irmã—esta que tem em Portugal no coração—irmãos; e na alma amigos sinceros e complementos espirituaes—temos entre nós poetas e artistas galegos—que nos acarinham a alma com as suas obras que tanto se casam com o nosso sentimento e com a nossa ternura de meridionais.

Eles são, na nossa terra de sonhadores, de idealistas, como que um pedaço da Espanha cavalheiresca, cheia de tradição, alfobre de lendas deliciosas, ninho de afirmações, onde o Sol tem o brilho que tem no nosso Portugal onde a paisagem tanto se identifica com a nossa.

(Clichés de Batista e Ferreira da Cunha)

O oportuno e prazenteiro moço de fretes.

Amola facas, «tesoiras» e navalhas.



actividade, galegos e portugueses irmanam-se na sua intimidade sã e cordeal. E é tão grande essa tradição de amizade que, já em tempos do rei D. João I, um fidalgo da Galiza D. Pedro Alvarez de Souto Maior, que foi Conde de Caminha e Visconde de Tuy, seguiu as hostes de Portugal, onde casou com uma senhora dos Tavoras de Mogodouro, de que ha ainda hoje larga descendencia, na nobreza lusitana.

Hoje, a colonia galaica, é das mais importantes do nosso paiz. Não só trabalhadores humildes e infatigaveis, trocaram os campos verdes e paisagens fartas pela labuta nos nossos centros; homens de valor, da industria e da sciencia teem em Portugal construido os seus lares. E' das mais laboriosas colonias—

# MADRID, DO PRAZER, À NOITE



PAGINA INEDITA POR  
NORBERTO DE ARAUJO

Desenho de MARTINS BARATA

A noite vai em plena orgia madura. Lá fóra, Madrid, adormenta-se, lentamente. Deve haver frio, muito frio; as luzes nos «placards» luminosos vão se extinguindo, e pelas ruas correm automóveis, e mulheres miseráveis vendem lotaria e fósforos. Cá dentro, neste «cabaret chico», a noite vai na hora madura, da energia elegante, moderna, comedida—desenfreada, afinal.

Os meus sentidos exaltam-se tranquilamente. Oigo; sinto. O ar está saturado de aromas; destingo-os, conheço-os, como se nesta hora eu fosse um perfumista celebrado nos mistérios da química vegetal, capaz de segurar, uma por uma, a respiração das flores sacrificadas. Da taça, o champagne pálido sobe num perfume subtil e acre. Dentro da amalgama do chinfrim, detenho os ruídos estridentes, destrinço-os, decompinho os sons, como se o tinir dos cristais, os guinchos dos instrumentos selvagens, as arrancadas do violino e as gargalhadas invisíveis, não andassem todos misturados em poeira.

Os meus amigos portugueses seguem, silenciosos, os volteios dos dançarinos enlaçados, em arabescos de safanão, ao ritmo de um tango, que veio dos pampas, e agora se estiraça numa necessidade morbida de amor.

São três da manhã. Entretenho-me a ver. Ao fundo, sob a cúpula envidraçada, num tecto de violetas, continuam a chegar mulheres; chegam homens, que espertam primeiro, entregam os sobretudo e os chapéus, esfregam as mãos, e entram na sala. Rebrilham-lhes nos peitinhos brunidos os recortes das casacas dos outros, que vão passando. Têm todos um «ar «blasé» que diz: vamos-nos divertir.

E o baile explende.

O baile...

E' exquisita esta mulher de verde, cabelo franjado sobre os olhos, alta, quasi esvelta, com

um vago ar canalha e um colar com duas voltas de pérolas falsas.

Aquela «rubias», de cabelos em bandós, tem um decote em V, exagerado, halucinado, que não dá nem beleza nem graça, que não chega a dar impudor, e que todavia resulta bem.

Há uma de azul cobalto, cujo vestido lhe cai dos ombros, como um «peplum», suspenso por duas alças negras, ativeladas de lápis-lazuli, e que parecem tirantes. E' curioso: tem um nariz grego, uns olhos maliciosos não sei de que cor —la a dizer da cor da electricidade—, e uma fronte casta.

Aquela fica bem nesta desgraça, de cabelos frizados ao gosto antigo, com suas ancas de verme, que se meneiam impudicamente, anatomicamente.

Este par é engraçado: éle é um moço americano, que dança como numa embaixada de Washington, e ella deixa se levar naquela distincção, e tem um vago ar de quem conquista uma liberdade diplomática.

Não tinha ainda visto: é realmente bonita esta mulher, e o seu chapéu negro, sem uma fantasia, dá-lhe à cabeça de toutinegra, um tom romântico de «boulevard», destes que ficariam bem num conto de Maupassant.

Esta é excentrica: usa os cabelos caídos. A sala do vestido de «serie» parece prata transparente, quasi fluida. As claviculas perfurantes comprometem-na, e é talvez por isso que deiza que o cabelo lhe caia, como uma mantilha de renda negra, desafiada.

Esta leva na cabeça uma travessa, um «pinto» branco de menina que esteja noiva, e o seu vestido tem, à luz, reverberos de damasco velho das tendas egipcias.

Oh! Que bem estaria este outro vestido, talvez de veludo de seda, com desenhos de Smirna, se aquella rosa «cactus», branca, estivesse um pouco mais ao alto, em vez de lhe cair, abandonada, como sobre um tapete suspenso!

Esta tem olhos vesgos, de capa de novela

curta. E' deliciosamente antipática. Não deve ter mais de quinze anos, e, daí, talvez tenha quarenta. Deixa-se levar pelo embalo do tango como se estivesse namorando luar.

Desconcertante vestido verde, este, mas de um verde metálico de figueira do Gareb. E' insinuante; tem uma expressão pallida, anódina, distraída, mas os olhos fulgem, cinzentos, adormecidos, como pontas de cigarro apagadas num cinzeiro de porcelana.

Esta é branca, inverosimilmente branca, esfingica, esguta, como a Sarah Bernardt num quadro que vi não sei onde. Os seus cotovelos em promontório lembram-me os de uma mulher que costuma estar, em Lisboa, debruçada de uma frisa no D. Amélia.

E' bonito, reparem, o busto desta, cousa de tela de Sanchez Coelho, e até os encaixes de rendas amarelas parecem pintura. Fica-lhe adorável aquele lenço de seda «apache», num nó canalha que parece alogá-la numa viela do peçoço.

Olhos vitreos, estes, verdes de absinto. E não é feia, a ripariga. Faz no braço um ângulo recto, desdenhoso, que conduz ceita beleza lassa. Desenha com seus dedos em fusos estallidos de castanholas, que parecem um geito de Triana, lá em baixo.

Tambem não tinha dado por esta: é realmente de endoidecer; vocês tem razão. Arcadas abertas, olhos fundos, nariz de escultura desenterrada, fresca, de Pompris, e o seu vestido é a caracter: usa um corpete de rendas pretas, de cujos rasgos, impudicamente, saem bicos de peito cor de rosa velho.

Esta traz os braços vestidos e o dorso nu. Resulta scintilante. Os sapatos são de pele de cobra, e usa cabelo a Ninon de Lenclos. O seu par dá-me o presentimento de ter saído, de casaca, a noite passada, do Carcel Modelo.

Bonito arranjo: malmequeres pretos e amarelos na cintura, presos numa ralla de ouro patinado. Cabelos dourados, pérolas crème, talhada de alto a baixo em ouro pallido, sapatos de ouro de moldura nova do Prado.

Extranha coisa: cabelo, tanto cabelo, uma montanha de cabelo—que parece cortado, a cair pelas espaldas, não sei como. Tem donaire, como as mulheres que levam cantaros à cabeça, e cujas ancas tem os movimentos das corças celeres.

Que lindo sorriso! Há sorrisos que não deviam entrar aqui, como as virgindades. Será fixo este sorriso, como a fealdade de Gwynplaine?

Esta veste à directório, de rôxo pallido, cor de vinho velho com água mineral. Pisa bem. Tem um tipo de garça real, e o seu braço, esmaltado de «povos», declama um abraço num vôo. O seu par é um hediondo rapaz bonito, género gata de teatro, com fumaças de Brulé.

Agora tudo isto pula, salta, berra, ao compasso gentio do «jazz». Bravo! Parecem indios tupinambás. Oh linda mulhersita que passas agora! Não dances assim. Deixa-te ir, como há pedaço, na sonolencia argentina dos violoncelos.

E esta: «echarpe» encarnada e branca sobre a adivinhação de um vestido encarnado e branco, que vista um esqueleto simpático. Tem pernas finas de avestruz, e calça melas—pretas.

Parecem dois novios a dançar! Uma pisadela. Que bem! Agora lhe disse éle um segredo; e como ella ri! Um risinho que parece arrancado a um collegio de freiras, numa cerca onde haja laranjeiras e se oia cantar uma fonte.

Dois pernas horríveis de bailarina que passou há muito, sustentando um busto que parece ter estado exposto no Museu do Vaticano.

Esta é exquisita: usa óculos de aros negros e é loira. Traz no vertice dos seios uma jóia que parece Leitão. O seu vestido todo em «lhamas» parece feito de papel de embrulhar «boas-bons», e tem um «rouge-rouge», como o das sedas indiscretas. Duas claviculas embrulhadas em papel de seda cor de carne.

Outro Tango...

Não a tinha visto ainda? Donde veste tu? De um palácio da Castelhana ou de um solar velho de Valencia? Sêda preta recamada de vdrilhos, braços vestidos, colo vestido, espaldas vestidas, mãos calçadas de «suêde», e um rosto estupendo de aristocrata, amaciado nas estufas dos salões.

Este tango tem morfina. O ritmo dos passos obriga à sonolencia dos sentidos. Tu não danças isto bem, mulhersita de olhos languidos, curvas de Corregio, e um sentido canalha do amor impresso, como uma dedada reles, no teu rosto de Raquel de género infimo.

# ECOS, NOTÍCIAS E CURIOSIDADES *Um Mathusalem*

## Bibliografos

A paixão é recente! Tem trinta anos. Coincidiu exactamente com o momento em que se começou a ler menos.

Chama-se bibliografia. É qualquer coisa de semelhante à avareza—sórdida, escura, isolada, oculta. O bibliografo tem livros não pelo prazer de os ler, mas de os guardar como pedras preciosas, cujo brilho pudesse desafiar cubiças e roubos. Compreende-se a biblioteca: larga, ampla, universal, estudo ou delírio de espirito, onde se condensam civilizações, historias, e provas literarias, a vida e o heroísmo dos homens, a grandeza e a actividade dos povos. Mas não se compreende senão por sadismo intelectual, o bibliografo fazendo ninho de milhares de volumes, só para os contemplar no remanso do seu valhacontó.

É quasi um crime!  
Em Portugal ha bibliografos—e bibliografos. Abundam as variedades e são muitas as monomanias. Há os que cultivam Camilo: tudo quanto ele escreveu, tudo quanto dele se escreveu. A tal ponto que ha quem produza vinte ou trinta folhas de prosa, lhes ponha um preço alto, sabendo já, antecipadamente, que a edição é, por completo, vendida. Vai parar às mãos dos camilianistas que não consentem na sua biblioteca uma falha, apesar dela, as mais das vezes ser preenchida por uma banalidade...

Além dos camilianistas ha os camoneanistas. Apaixonados, encarniçados. Dvoram o grande épico como os gusanos os cadaveres. Reduzem-no a poeira, a pequenos detalhes de exegese—sem beleza literaria, nem profundidade critica. Uma obra imortal é como o sol. Pertence a todos—sem sombras, a toda a altura, a toda a luz. Que o povo a veja e se descubra, benção sagrada da alma portuguesa, sob a qual, balcinho, somos obrigados a ajoelhar...

A. P.

## O naufrágio do Porto

NUM dos nossos últimos números, ao comentarmos o terrível naufrágio do navio alemão, na restinga de Cabedelo, na Foz do Douro manifestámos a nossa estranheza pelo facto de os nossos serviços de socorros a naufragos não estarem munidos de qualquer aparelho que permitisse enviar para bordo do navio em perigo, um forte cabo, capaz de permitir o salvamento dos tripulantes.

Mal sabíamos que, pouco tempo depois, teríamos ocasião de vêr como era bem justificada a nossa estranheza. No último número do magazine «Sciences et Voyages», encontramos

Esta, dança espalmando as mãos sobre a cabeça do homem. Tem um vestido de vibora uns olhos que mordem, e no meio de tudo isto um ar de bondade que amarfanha. Tenho um desenho do Almada onde há uma expressão assim.

Agora a música parece fado, ou uma canção, do «moudim», às horas vesperaes dos palácios árabes, por alem das reixas misterio as...

São cinco horas da manhã. A noite começa a envelhecer. Cansou o balle. Meia dúzia de pares resistem à velhice. Começa o «flirt», o «flirt» cínico, o «flirt» ingénuo; o «flirt» pulha, o «flirt» distraído; o «flirt» triste, o «flirt» pão de cada manhã seguinte.

Olço o diálogo de duas raparigas, profissionais do prazer, que dançaram, que riram, que foram felizes toda a noite. Há nos olhos delas, irmanados pela mesma aurora e pelo mesmo destino, uma humildade que sobrenada do chic mundano e da volupia de se gastarem depressa. A conversa foi triste, entrecortada de risadinhas desalentadas.

—Que asco de vida! Ainda se eu tivesse para me amparar, a minha mãe, que me morreu há cinco anos...

—E se eu tivesse para me proteger, a minha filha, que me morreu há cinco meses...

Mas vieram buscá-las, e elas foram dançar. Dentro do «cabarete» a noite envelheceu, e fóra, nasce a madrugada.

(Madrid, «In loco», apontamento do natural).

NORBERTO DEARAUIO

uma fotografia curiosissima representando um salvamento por meio de um cabo arremessado de terra, por meio dum projectil, para bordo dum navio que naufragava a pequena distancia de Newport (E. U.). Arremessado violentamente contra um rochedo, durante uma terrível tempestade, o barco, pertencente a Harny A. Reeler, ia sossobrar com todos os seus tripulantes. Foi então que, de terra, donde não era possível partirem quaisquer socorros, foi arremessado o cabo, que permitiu salvar algumas vidas, entre outras a da esposa do comandante.

## Robespierre e Camões

HA' três máscaras de Robespierre feitas sobre a face do terrível e sanguinário membro da Convenção, depois deste ser decapitado. Uma dessas máscaras é a de Castan modelada sobre o próprio cadafalso, junto da guilhotina, com licença do carrasco; nessa máscara, Robespierre apresenta vestigios duma ferida



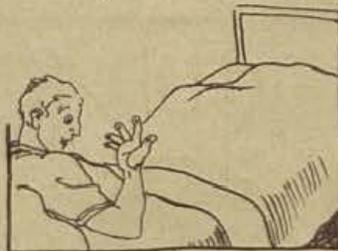
no lado direito do queixo (é o ferimento feito pelo tiro de pistola que Robespierre desfechou contra si próprio ou que um gendarme lhe disparou, no q de termidor). Na segunda máscara, a do célebre museu Tussaud, o ferimento é à esquerda. Na terceira—a feita por Turbri, não há sombra de ferimento...

Este caso faz-nos lembrar o das dúvidas que se teem levantado sobre a cegueira de Camões. O nosso épico perdeu, no cerco de Mazagão, o olho direito ou o esquerdo? A iconografia camoneana apresenta-nos, umas vezes, o poeta cego do olho direito, e, outras vezes, do olho esquerdo.

Sousa Viterbo, no prólogo à edição de luxo dos «Lusiadas», editada, por ocasião do centenário, pela casa David Corazzi, estuda o assunto, que tem seu interesse anecdótico.

## Os estigmas da Paixão

O ano passado, levantou grande celeuma o caso duma mulher, uma alemã, que appareceu com os estigmas da Paixão do Cristo. Agora, é o jovem húngaro José Szanto, que habita a



pequena cidade de Miskolc, e a quem succedeu caso idêntico. Na véspera do Natal, Szanto deltou-se, com uma fortíssima dor de cabeça. Sonhou e teve uma aparição: quando os sinos tocavam, pela meia-noite, chamando os fieis para a missa do Natal, o jovem Szanto, que tinha 19 anos, viu o seu quarto encher-se de luz sobrenatural e apparecer-lhe Cristo, que lhe tocou na fronte, dizendo: «Tens uma alma pura. Dórvante, levarás a Cruz com que salvei o mundo».

No dia seguinte de manhã, com effeito, ao acordar, o jovem húngaro viu com espanto e horror, que cada um dos seus dedos tinha, na extremidade, um sinal com a forma duma cruz, José Szanto é protestante.

NA provincia de Fayoum, no Egipto, vive um velho «ellah», que pretende ter 153 anos de idade. Teria, portanto, nascido em 1776 e teria combatido durante a campanha do Egipto contra os soldados de Bonaparte. Tem o aspe-



cto dum esqueleto, mas é são de corpo e de espirito, embora um pouco surdo. Tem seis filhos, dos quais o mais novo conta 60 anos, o que quiere dizer, que o pai já passava dos 90 anos quando elle nasceu...

## Miscelânea de parentesco

ESTE caso deu-se em Fredericsburgo, na Virginia. Um lavrador chamado Jatt era viuvo e tinha uma filha que foi casar com outro viuvo, que, por seu turno, tinha uma filha chamada Ana. Jatt apaixonou-se por Ana e desposou-a apesar de elle ter quarenta e oito anos, e ella desassels. Consequencias do casamento: Jatt passou a ser avô, por affinaldade, de sua mulher; passou a ser genro do seu genro e da sua filha que, por sua vez, é sogra do seu pai, sendo madrastra da sua nora. Quanto a Ana, ou se-



a, Mistress Jatt, é sogra de seu pai. Este é sogro do seu sogro, que é, no mesmo tempo, seu genro...

Os leitores que se entretenham a verificar a verdade destas affirmações. E que pensarem na futura confusão que surgirá, quando surgirem filhos dos dois casais.

## A graça de Deus

NO convento dos Franciscanos, em Roma, há um monge, de setenta e seis anos; que teve no século, o nome de Molinas, e é hoje Frei Bruno. Frei Bruno foi condemnado, há quarenta anos, a trabalhos forçados por toda a vida, depois de ter prattado uma série de crimes.

Quando soffria a sua pena, o forçado cegou. A perda da vista doeu-lhe mais que a perda da



liberdade. Fez votos de, no caso de se curar, consagrar o resto dos seus dias ao serviço de Deus. Em seguida, prestou-se a uma operação ainda não tentada e que um jovem oftalmologista italiano lhe aconselhava. A operação foi bem succedida. Molinas recuperou a vista. Daí por diante, portou-se tão exemplarmente que, alguns anos depois, o rei Victor Manuel perdoou-lhe o resto da pena. Molinas deixou o presídio para entrar no convento, onde os seus irmãos de comunidade o teem na conta de santo.

# ARTISTAS E POETAS FILHOS DE GALEGOS



O pintor Vellozo Salgado num canto do seu elegante lar, acompanhado de sua esposa.



O poeta Alfredo Pedro Guisado.



O pintor Varela Aldemira.



A «diseuse» D. Helena Cid.



Varela Cid, ilustre pianista e professor do Conservatorio Nacional de Musica.

# AS GRANDES FIGURAS DA COLONIA



Dr. Inacio Fortes Lemos.



Amadeu Alfredo Ferreira Couñago, socio da casa bancaria Ventura, Coelhos &



D. Maria Helena Soares Varela.



Agapito Serra Fernandes.



Manuel Casal Amoreiro.



José María Rodríguez Iglesias—Presidente da Direcção da Associação Galega.



Ercandino Ronza—Secretario da Juventud.



D. Antonio Cordero—Presidente da Juventud de Galicia.



Lourenço Varela Cid, pae do pianista Varela Cid



Dr. Constantino Muíños



Antonio Venancio Galsado



Amador A. Domingos, gerente de «A Favorita»



Dionisio Rodeiro, tesoureiro da Juventud de Galicia



Mejo Carrera, jornalista, representante de «El Sol»



Comendador, Francisco Fernandez Rodriguez



Ricardo Vellozo Feijó



José María Millán



Joaquín Garrido



Manuel Alvaréz González



Casar Rodríguez Alfaya



Hipólito Vellozo Feijó



Manoel Rivera Durán



José Miguez Vilán



Evelina Vasquez Alvarez



Cecilio Fernandez



«João Franco» o conhecido e simpatico creado de «A Brasileiras»

# OS GALEGOS EM LISBOA

crónica por Feliciano Santos

QUANDO se fala em colónia galaica, em Portugal, fala-se de Lisboa, porque só na capital o saudos emigrado das montanhas da Galiza conseguiu a realização do «El Dorado», que constitui o sonho e o objectivo de toda a emigração. Lisboa é, para os galegos, o mesmo que o Brasil é para os portugueses. Edecerto é por esta semelhança de ambições e situações que, no Brasil, tratam por «galegos» os portugueses emigrados, com uma intenção pejorativa do que, afinal, nós temos grande culpa.

Intimamente misturado à vida lisboeta, o galego, guardando, aliás cuidadosamente a má lingua e os seus hábitos, é um lisboeta de facto. Está ligado ao teatro, ao romance, ao conto e à crónica. É uma figura viva da cidade, um elemento constitutivo da sua população e, mais do que isso tudo, um exemplo de trabalho probo e de economia prudente.

O galego decorativo, o galego com aspecto externo de rei, deixem-me dizer assim, ficou ali por alturas do último quartel do século XIX.

É o tipo clássico das «Intigas no Bairro», da «Lisboa em Camisa» e das caricaturas de Rafael Bordalo. Ele foi, nesse século quietinho e pacato, o confidente dos amorosos, o criado discreto, o aguadeiro pontual. O alfacinha troçava-o, mas estimava-o, considerando-o indispensável à sua vida. Era o galego quem, nas ocasiões de apuro, procurava discretamente as casas de penhores, levando embrulhadas, num velho lenço de seda da Índia, as jóias das famílias suas freguesas. Era ele quem, com discreção impecável, entregava a ocultas a cartinha de namôro, quando sabia que era para bom fim e que a «menina» ia muito bem com aquele rapaz. Paciente, resignado, todos os semestres o galego fazia a mudança dos seus fregueses, que fugiam ao pagamento da temida décima, cui-

dando carinhosamente da velha mesa de abas e do guarda-louça de vidros miudinhos, que já o tratavam por tu, à força de andarem às costas do prestante moço de recados.

Duas grandes qualidades da raça fizeram do galego a pessoa indispensável—à vida de Lisboa: a discreção e a fidelidade. Do galego se dizia na locução corrente, que «se lhe podia confiar ouro em pó» e, com efeito, raríssimas vezes o registo criminal mencionará um nome galego, por furto.



Houve galegos que durante cincoenta anos ocuparam a mesma esquina, servindo, de pais a filhos, a mesma família. Solicitos sempre, tinham no seu activo de serviços prestados à mesma família, «étapes» memoráveis, tendo quantas vezes... sido os mensageiros que corriam a chamar a «comadre» para assistir ao nascimento das meninas em cujas bodas, mais tarde vinham a servir o «copo de água» clássico.

Com o andar dos tempos a vida lisboeta evolucionou. Nas esquinas o galego começou a sofrer a concorrência dos homens de Goes e de Arganil. Os electricos vieram encurtar as distâncias, os taxis puzeram os extremos da cidade em comunicação e os «grooms» encarregaram-se de levar os últimos recados que o telefone não podia comportar. O inquilinato tornou-se estável, toda a gente a agarrar-se à casa como a ostra ao casco do velho chaveco em que nasceu. Sem mudança para fazer,

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

AMANTES—(Romance) por Paulo Brito Avanha—Um romance por nós—«Editora».

Recebemos este romance (N.º 1 da Nova Editoria) que se apresenta com um magnífico aspecto gráfico, admiravelmente impresso em optimo papel.

A nossa secção de critica, a seu tempo, fará a devida referência.

lutando nos fretes com a concorrência do músculo nacional e nos recados com a celeridade dos modernos meios de comunicação, o galego, que é tenaz e persistente, nem por isso abandonou, emigrando, o caminho de Lisboa.

Já não há rendeiros, nem amoladores, nem concertadores de guarda-chuvas, nem deita-gatos, nem aguadeiros, mas há toda a actividade duma intensa vida cidadina aberta à vontade de trabalhar com afino e honradez. Sentindo-se como em sua casa, o galego infiltra-se no comércio e na industria lisboeta e produz obra sólida, séria e productiva. Não domina, porque não são esses os seus intentos, mas colabora tão valiosamente na vida da cidade que difficil seria prescindir dessa colaboração, que é sempre um exemplo de bom e honrado labor.

O galego entre outras valiosas qualidades, não é o teimoso tradicionalista, inadaptável às novas condições de vida. Secaram-se-lhes umas fontes de receita, mas logo ele procurou outros meios financeiros, mais caudalosos, onde desdentar-se, resignado à flutuação dos cambios, que lhe permite ameslar centimos onde em outros tempos ameaçava pesetas, mas persistindo sempre em trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Uma das manifestações da actividade dos galegos, em que eles continuam dominando, é o restaurante, a casa de pasto, a taverna. Da mais apurada casa de chá até à mais modesta casa de iscas, difficil será não topar, ao menos, um galego, seja por traz do balcão, sorrindo contente à clientela, seja girando em volta das mesas de mármore, a servir «duas com elas». Com a mesma facilidade com que enverga, uma casaca, com macarrões dourados nos ombros, para servir um banquete em baixela de prata, despe o casaco para servir «meia unha» em mangas de camisa.

Trabalhar—eis o meio. Ganhar dinheiro—eis o fim. Desde que lhes garantam que podem honradamente exercer aquele meio para atingir aquele fim, nunca os galegos deixarão de demandar Lisboa, ao deixarem, saudosos, as montanhas da sua Galiza dos cantos dolentes.

FELICIANO SANTOS



—Que me dizes desta natureza morta?  
—Que é pena o pintor ainda ser vivo...



—Estou descontente com o seu fato. Quando o abotoei, a fazenda rasgou-se... É muito ordinaria...

—A fazenda não é ordinaria. Os botões e que estavam muito bem pregados...

# poesias galegas

*Pensamento d'home vello  
Pra un-ha nena pouco val,  
E' cal inaxe d'espello  
S'n azougue no cristal.*

ANDRÉS MARTINEZ SALAZAR

## FALAS DE NAI

*Eses cabelos crechos, dourados  
ese teu rir;  
eses oll'ños negros, fermosos,  
no seu mirar;  
Se a mozo chegas cantas rapazas  
faran sorrir;  
Si antes non morres; cantas mulleres  
faran chorar!  
Mais tua naiçia por mor das outras  
n'has d'esquercer,  
pois inda atopas entr'elas goce  
na sua pasión  
Os goces veñen solo filliño  
pra se perder:  
Amor constante dos nais hay solo  
no corazón.*

MARQUÉS DE FIGUEIROA

## VAGUEDÁS

X

*Un-ha vez tiven un cravo  
Cravado no corazón,  
Y eu non m'acordo xa s'era aquel cravo  
D'ouro, de ferro ou d'amor.  
Soyo sei que me fixo un mal tan fondo  
Que tanto m'atormentou,  
Qu'eu día e noite sin cesar choraba  
Cal chorou Madanela n'a Pasión.  
«Señor, que todo ó podedes  
—Pedille un-ha vez a Dios—  
Dáime valor pr'arrincar d'un golpe  
Cravo de tal condición.»  
E doumo Dios e arrinqu'ano,  
Mais... ¿quen pensara?... Despois  
Xa non sentin máis tormentos  
Nin soupen qu'era delor;  
Soupen só que non sei qué me faltaba  
Eu donde o cravo fallou,  
E seica... seica tiven soidades  
D'aquela pena...; Bon Dios!  
Este barro mortal qu'envolve ó espírito  
¿Quen-o entenderá, Señor!...*

ROSALIA CASTRO

## HUMORISMO



—... Aíem diso este homem bateu-me fevor  
mente e apulou o cão para me saltar ds guelras...

¡AY!...

*¿Como foi?...—Eu topábame fora  
Cando as negras vixigas lle diron,  
Pol o aramio sua nai avisoume  
Y— eu vinme c'rrendo.*

*¡Coitadiño! Sintindo os meus pasos  
Revolveu car'a mín os seus ollos.  
Non me viu e chorou... ¡ay! xa os tñia  
Ceguños de todo.*

*Non me acordo qué tempo m'estiven  
S bre o berce de dór debruzado;  
Solo sei que m'erguin c'o meu neno  
Sin vida n-os brazos...—*

*Volvoreta de aliñas douradas  
Que te pousas n-o berce valeiro,  
Pois por él me preguntas, xa sabes  
Qué foi d'o meu neno.*

CURROS ENRIQUEZ

## ANTHOLOGIA

### A VOZ DE GALICIA

*Choray, meus ollos, choray.  
Portugal, meu hirmanziño,  
A Soedade é nosa nay,  
Nosos berce, o río Miño.*

*Vñ-mos ó mundo xuntos,  
Co'o mesmo céu nos vestimos,  
Andamos sempre tan xuntos,  
Que xuntos sempre sentimos.*

*Hirmán, cuberto de brillos,  
Qu'os teus mortos acariñas,  
Os teus fillos son meus fillos,  
Y-as tuas doores son miñas.*

*Choras e cantas, ben sei:  
—Choras porque eles morreron,  
Cantas porque eles venceron,  
Y eu tamén choro e cantei.*

*Tu vives n'o meu cariño.  
Teus sentidas n'os meus pasan,  
Os brazos d'o río Miño  
Son meus brazos que te abrazan.*

*Deixa que acend'a memoria  
De teus fillos, esta cruz.  
¡Quero dar luz a esa gloria  
Qu'enheu teu sangue de luz!*

*Nese cortexo d'a guerra  
En que s'ergue teu pendón,  
V'ay a Alma d'esa Terra  
E' v'ay o meu corazón.*

*Eu sou a manziña erguida  
Dun-ha sauta qu'en min pasa,  
¡Tu é-la luz encendida  
Sobr'o camiño d'a Raza!*

ALFREDO PEDRO GUISADO

### A ROSA DE CEN FOLLAS

III

*Naceume unha fror no peito...  
No furo sombrizo e estreito  
Crece que dá gloria a ver.*

*E' bermella! Foi tinguida  
Po-lo sangue da ferida  
Que rachou para nacer!*

XVI

*A buscóla p'osei  
A mocidade ent'ira  
E um dia reparei  
Que estaba á miña beira.*

*Cando o meu corazón  
Comenzou a cantar,  
Siu dar tempo á canción  
Volvérona a levar*

*Eu coidei que morria  
Do dolor de non vel-a  
¡Ou, meus Dios!; ¡Qué faria!  
¿Qué faria sin ela?*

*Enton da alma miña  
Mirei ó fondo, e vin  
Que para sempre a tñia  
Toda dentro de min!*

XXII

*Inda esta botando agoa  
O caño de aquela fonte,  
Mais xa deita bagoa a bagoa.*

*A morte de aquele cariño  
Deixou o meu corazón  
Pequeniño, pequeniño.*

*E, saloucando e xomendo,  
A fonte que era canción,  
Bagoa a bagoa, vai morrendo.*

RAMÓN CABANILLAS

## HUMORISMO



—Qual seria a situação mais dramática duran-  
te o Dilúvio?  
—A falta de chapéus de chuva!



PONTEVEDRA:—Vista parcial da linda cidade tirada do rio.



Firmino Loureiro Fernandez



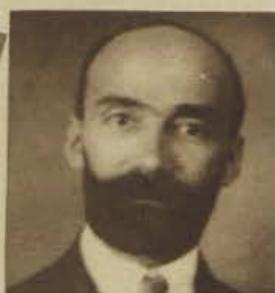
Domingos Serra Fernandez



Manuel Cardo Martinez.



Marçal  
Cervinho



Benito Garcia Yanez



Francisco Alfaya Carballo



José Sane Soares



José Maria Fortes



SANTIAGO DE COMPOSTELA:—A catedral.

ERA desejo de «O Notícias Ilustrado» dar, em este numero dedicado á laboriosa e florescente colonia galega, um detalhe sobre cada uma das provincias da Galiza e bem assim todos os valores da colonia.

Na impossibilidade de fazer em jornal, tão completo documentario—só possível em largas paginas de um livro—limita-se «O Notícias Ilustrado» a dar á estampa o que melhor poudo conseguir, não tendo havido eleição nem escolha. A todos os galegos que habitam a nossa terra, a todos os nossos irmãos de raça, a todos, saudamos.

Pela pena de Alejo Carrera, galego que em Portugal marca como valor; e pela de Alfredo Pedro Guisato, filho de galego e hoje um grande valor português, poeta, industrial e politico, publicamos dois artigos que simbolisam o abraço fraterno que une os dois povos.



Arredores e passeos pitorescos de Coruña.

# lembram-se vocês do bom tempo de outrora?

**POR MATOS SEQUEIRA**

O Rossio! Nem estátua, nem lagos, nem Hotel Metrópole. A placa central cercada de colunas a que o vulgo chamava «frades» pela configuração dos topos» que se-melhavam crâneos tonsurados, está vazia. Candieiros de cego-nha, chumbados aos prédios, iluminavam-noescassamente, mas



O Rossio em 1840



O Rossio da Hora actual

tas liberais; num dia numa caça aos «malhados», noutro um assalto «miguelistas». O seu ar pacato diz-nos tudo isto. Ah, que se o Arco do Bandeira pudesse falar. Ele, que é o decano do Rossio, é que pode saber bem isso tudo! mas, coitado, é de pedra, e o aço das picaretas municipais faz-lhe um pavor horrível. Assim calado, talvez se esqueçam dele.



Actualmente...

os saloios, os aguadeiros, os «tropas» as vendedeiras, o genio que o anima, ulgavam-nos a ultima palavra da iluminação e à noite viviam com eles como nós, hoje, com a exuberancia da electricidade.

Atraz de um garoto corre o infalivel cão de todas as estampas alfacinhas. Foi este Rossio; assim, ainda como agora, praça dada a encontros, de sa- quidoro de cidadãos e de opiniões. Terreiro comum e «Forum» dos lisboetas, que viu, todo o drama politico-nacional do primeiro terço do século XIX, que assistiu às tropas dos franceses, que viu hastear no Castelo a bandeira napoléonica, que conteve o entusiasmo da revolução do conde de Rezende, que deixou apear a estatua da Fé do velho edificio da Inquisição, que contemplou, emfim, todos os movimentos revolucionários do periodo das lu-



Antes do arco estar erguido...

O chafariz do Loreto, coroado pela estátua de Neptuno, pisando golfinhos e empunhando o classico tridente, estátua esculpida em mármore de Carrara, em 1771, por Machado de Castro; o velho chafariz lisboeta a que os gallegos ascendiam por quatro escadas abalaustradas, semelhantes às do adro do Loreto, era o que havia, ha 90 anos, no sitio onde está hoje a estátua do Poeta Chiado. Em redor, os barris-«tronos de suspiro» pintados de verde, formam-lhe um halo refrescante e pitoresco, servindo de «maples» aos suados gallegos que deixaram o



O chafariz do Loreto



O actual Largo do Chiado nome á «ilha», quando um cataclismo municipal subverteu o monumento. O leitor que atentar na estampa vê, à esquerda, um ancião de chapéu alto solene que parece

(Continuação na pagina 14)

## «Chauffeurs» — Atenção!

Por NORBERTO LOPES

O Conselho Superior de Viação tornou pública uma estatística dos desastres de automóvel ocorridos em Portugal durante o último semestre de 1928. Por ela se verifica que, no curto espaço de seis meses, se deram no nosso país 803 acidentes automobilísticos, tendo perdido a vida em tais andanças nada menos de 77 pessoas.

O distrito que vem à cabeça da estatística, com mais de um terço dos desastres ocorridos, é o do Porto, seguindo-se-lhe, naturalmente, o de Lisboa, com pouco menos de um terço. São de cabeças partidas, a estatística regista cerca de novecentos!

Em aditamento, o Conselho Superior de Viação informa que estes números não se podem considerar inteiramente exactos, visto que foram extraídos apenas dos relatos de alguns jornais, por um funcionário zeloso e paciente. Há ainda os desastres anónimos, aqueles que não tiveram a honra duma notícia nas gazetas, o que aumenta possivelmente o número de vítimas do automobilismo em Portugal. E acrescenta:

«Para o próximo ano, e dadas as providências adoptadas pelo Conselho, é de esperar que a estatística a fazer seja, então, mais completa».

Imaginem os leitores, que bela expectativa! O ano passado, em seis meses, morreram ape-

## Lembram-se do bom tempo d'outrora?

(Continuação da pag. 13)

perseguir uma moça de chale, cantarina e «indispensável». E a velha tradição do «Chiado» galanteador. A' direita um janota, de sobrecasaca cintada e calça clara, instrui um filho de Tuy sobre um recado melindroso. Ao longe uma mulher de capote e lenço. E a Lisboa de 1648 que passa.

Fazendo guarda ao chafariz lá está o velho prédio da «Mundial» edificado por José Ferreira Pinto Basto. Tem história o casarão que hoje ostenta o relógio regulador dos fregueses da «Havaneza» e da «Garrett» e dos que miram as montras da «Vista Alegre» e do «Leitão». Em 1801 morou lá Marechal Lannes; depois foram ali os Bailes da Península; o Hotel Peninsular em 1840, o Hotel Italia, em 44; o Ministério do Reino em 60 e tal; o Hotel Matta em 89; a Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, depois, comprado pelo Comendador Nunes Teixeira foi vendido mais tarde à viscondessa de Valmôr.

Movimento militar, hospedagens ilustres, dançarinos de polcas e mazurkasas, burocracia, tudo por ali passou. O preço indifferente ás aparições e desapareções dessa grande mágica do «Tempo», continua bastante aborrecido fazendo pano de fundo ao que lhe querem pôr defronte.

O que aquilo foi e o que é hoje! Em vez dos lampiões de cegonha, os reclames electricos; em lugar dos barris, os automoveis; no pousio dos galegos, os papos-secos. Daqui a outros noventa anos dou de barato que já lá não esteja coisa alguma do que hoje vemos, salvo o mirante luminoso da casa Ramiro Leão. Esse e o «estojo» do elevador da Gloria não ha Progresso que lhes toque. São Monstruosidades Nacionais.

A rua Augusta! Olha-a, leitor, e não a conheces. Que ar de tristeza, de sarnice, de solidão! Parece o corredor de um Balneário. No primeiro plano, o Arco incompleto ainda, parado na altura dos capiteis das colunas, dir-se-hia uma ruina. Uma sege com o lacaio na tábua, de capote de cabeção e chapéu alto, vai a entrar na rua; outra adivinha-se sobe a arcaria da es-

querda, á espera do freguês que subiu a qualquer repartição do estado.

A brilhante e movimentada artéria de hoje, era um «lá vem um». Ainda não tinha passeios a civilizar o empedrado. As lojas, todas como a do Pinheiro das fazendas, de portas de cantaria esquadriada, como bandeira trapezoidal, sem um adorno, sem um vidro, sem uma pintura, alfitivamente uniformes na sua singeleza pombalina, alinhavam-se do Terreiro do Paço ao Rossio. Capotes e lenços, garotos, a famosa canzoada alfacinha, raros janotas, cruzavam na a nudo. Esta estampa é uma síntese. Vê-se nela a cidade que se levantava cedo e se deitava ás nove horas; a cidade em que as mulheres saíam seis vezes no ano, fora da corrida á missa dominical. A Lisboa dos nossos avós está ali.

MATOS SEQUERIA

## UM ANO DE VIDA

Com este numero, «O Noticias Ilustrado», completa um ano de existencia. Vindo ocupar um lugar especial no nosso jornalismo, este semanario tem-se imposto ao publico pelo inte esse dos seus numeros, pela atracção do seu noticiario, pela correção da sua composição tipografica. Os melhores nomes do jornalismo e das letras tem colaborado em «O Noticias Ilustrado». Os acontecimentos mais palpitantes tem sido focados com singular relevo. Por isso este aniversario é qualquer coisa de lisongeiro e marca mais um incitamento a que prossigamos com a mesma dedicacção, com o mesmo esforço, com o mesmo amor. E o publico que tão desvanecidamente tem ajudado e admirado o nosso jornal, continuará na mesma attitude de simpatia e de interesse, correspondendo á nossa intencção, secundando a nossa iniciativa, cada vez mais, a fructificar abundantemente.

SILVA NOGUEIRA

O maravilhoso cliché que publicamos na capa deste numero e representada Chaby Pinheiro, é da autoria do grande fotografo de arte Silva Nogueira director da «Fotografia Brazil».

## A maior escada do mundo

A maior escadaria do mundo é situada na ilha de Santa Elena. Vai desde a capital da ilha, Jamestown, ao alto duma coluna proxima que se chama, exactamente por causa da escadaria, Ladder Hill (Colina da Escada).

A escada tem 280 metros de comprimento, atinge uma altura de 240 metros, e conta 699 degraus.



nas 77 pessoas e partiram a cabeça novecentas; mas descansem que, para o ano, a coisa será mais completa e nenhuma vitima terá o desprante de se escapar pelas malhas apertadas da estatística, como qualquer contrabandista em divida com a Fazenda Nacional.

A que deve atribuir se uma cifra tão eloquente de vítimas do automóvel em Portugal? Ao mau estado de conservação das estradas? A impericia dos «chauffeurs»? A excessos de velocidade? Ninguém saberá responder ao certo. As causas devem ser multiplas e misteriosas como a propria fatalidade. Em todo o caso, queremos acreditar que muitos desastres se dão por falta de cuidado.

Numa curva perigosa de qualquer estrada franceza, foi colocado, ha pouco tempo, um aviso allegorico aos «chauffeurs» — que é nada menos do que um automovel feito em pedacos sobre um plinto de granito.

Na legenda, não se pedem dois minutos de silencio pela memoria dos que morreram, pedem-se dois minutos de atencção pela vida dos que não querem morrer — por enquanto.

NORBERTO LOPES

## CONSULTORIO DENTARIO

IGNACIO FORTES

Especialista na colocação de dentes sem placa

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 35 1.º

TELEFONE 3569 N.

# C I N E ! C I N E !

## Do Velho Mundo

**HENRY** Russel partiu para Cannes, onde vai filmar os exteriores do filme «Paris Girls» da Cinéromans. A troupe é composta por Suzy Vernon, Danielle Parola, Esther Kiss, Cyril de Ramsay e Fernand Fabre. Diferentes scenas serão executadas em pleno mar, a bordo dum yacht.

**Leon Poirier** vai realizar brevemente um filme inteiramente sonoro, extraído da «Simphonie pastorale» de André Gide. O excelente realizador partirá para a Suíça, onde tenciona filmar os exteriores.

**JACQUES** de Baroncelli terminou a montagem da película «La femme et le pantin», interpretada por Conchita Montenegro, Raymond Destac e Jean d'Albe.

**ROGER** de Lafforest e Paul Gilson terminaram a «decoupage» dum argumento cujo título provisório é «Última hora». Em colaboração com Jacques de Lauwe eles iniciarão a filmagem desta película de curta metragem dentro de um mês.

**JEAN** Renoir começou os interiores do seu novo filme «Le Bled» que estarão terminados dentro de quinze dias. Os principais interpretes desta película são Arquilière, Raaby, Rivery, Diana Hart e Jackie Monnier.

**JEAN** Murat e André Roane partiram para Berlim, onde alcançaram um brilhante contracto.

## LEGENAS TROCADAS

Por um lamentável erro na «mise-en-page» — e já sem possível emenda — vão trocados alguns nomes, que acompanham em legenda, retratos de illustres membros da colonia galaica (pagina 9). Apresentamos as nossas desculpas por esta desagradavel mas involuntaria falta.

FIO FLEXIVEL COBERTO A PITA  
SECÇÕES 0,75 a 4 mm2 — branco e cores

Material electrico — fios vulcanizados e cabos para electricidade

Grande stock em vidros — armaduras e candeeiros

Acessorios para T. S. F.

MATERIAL PHILIPS

Sociedade Samarl L. da

RUA DA PALMA, 225 A 235

TELE ( FONE N. 3580  
C. 166  
GRAMAS SAMARAL

## A SEMANA CINEMATOGRAFICA DE FILME EM FILME

Antes da exhibição de duas fitas que ora correm na tela dos melhores cinemas da capital, tudo indicava que lhes estava reservado em exito notável, desde a que os chamam se sem precedentes. Tal não aconteceu, a despeito dos reclamos vistosos que lhes foram feitos e da fama de que essas películas vinham precedidas. Desnecessario se torna dizer que a desillusão do publico causou outras desillusões...

— Não se compreende esta frieza... Esta fita foi considerada como a melhor do ano X... esteve tantos meses no cinema tal — eis os comentarios que os interessados fazem. Nós não queremos nestas breves linhas apreciar o valor dessas películas, somente pretendemos explicar a razão do insucesso para que o criterio que preside à coleção dos programas atente nas preferencias do publico.

Em Lisboa há dois publicos diferentes. Um frequenta os cinemas caros, lê muitas revistas estrangeiras e discute cinema. Este publico já sabe o que quer — distingue o «Cinema Artes» do cinema vulgar porque a sua cultura artistica lhe permite a compreensão da grandezza da Arte do Silencio. Este publico constitui a elite.

O outro publico, formado pela gente das camadas baixas e medias, frequenta os cinemas de segunda ordem; não lê por falta de tempo e de dinheiro, não tem uma cultura solida, e, por isso, o cinema para ele é um espectáculo que o não obriga o raciocínio transcendentes, porque as imagens não lhes oferecem um motivo de beleza, mas sim um conjunto de situações que formam uma historia, uma novela, ou um romance que se vê em duas horas. Uma fita pode produzir agrado num publico e desagradar noutro.

Os nossos distribuidores ao adquirirem uma película são informados do sucesso que ela produziu em Nova York, Londres, Paris e Berlim. Em que camada de publico a fita produziu sucesso raramente sabem. Eis o grande mal. Devem procurar saber lo, para que, pelo menos em Lisboa, a exibam ao publico que a possa apreciar convenientemente.

«A bon entendeur...»

Aurora» o filme anelosamente esperado por todos os cinéfillos, exhibiu-se durante a semana no Tivoli. Janet Gaynor, a «Diana» da «Hora Suprema» não nos fez esquecer a interpretação desta ultima película... F. W. Murnau, o realizador de «Fausto» e «Ultimo dos Homens», animou «Aurora» com o seu saber experimentado, mas as fitas que dirigiu na Europa eram de outra marca...

O S. Lutz Cine exhibe «Verdun visões de Histórias», de Leon Poirier, outro filme que era esperado com grande interesse. O filme é uma reconstrução documentada das celebres acções belas de Verdun. Dentro dum criterio puromente cinegrafico, «Verdun, Visões de Histórias» não satisfaz completamente.

«O grande Joekey», interpretado pelo pequeno Jackie Coogan, é uma excelente comédia, valorizada pela adaptação musical de René Bohet.

IPRES

## CASA DOS ARCOS

a maior e mais distinta alfaiataria de Lisboa

154, RUA AUGUSTA, 156

LISBOA

## Do Novo Mundo

**HENRI** A. Morey, actor de teatro, contratado para trabalhar na proxima produção de Richard Dix, falleceu repentinamente.

**DIZ-SE** que a Paramount não renovará o contracto, prestes a terminar, com Adolfo Menjou, pela impossibilidade de empregá-lo nas películas faladas.

Como o mercado cinematografico europeu é muito melhor para Menjou do que o americano, este artista deve regressar ao velho continente onde certamente continuará trabalhando.

**ALICE** White renovou o seu contracto com a First National, mas com a curiosa e original clausula de que a casa produtora poderá obrigar Alice a usar o cabelo da cor que seja julgada a mais conveniente.

**KENNETH** Thompson, terminado o seu trabalho na película «Broadway Melody» deixará para sempre as películas.

**DEPOIS** de ter gasto mais 150.000 dólares, a Metro Goldwin Mayer abandonou a filmagem de «Five O'clock tea», cuja principal interprete era Marion Davies.

**LYA** de Patti partiu para Londres, onde vai trabalhar na British Internacionl.

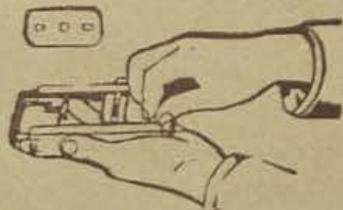
**DEPOIS** de varias alterações, Luis Alon so volta a ser o companheiro de Norma Talmadge na proxima película desta artista que Fitzmaurice realizará

**XAVIER** Cugat interpretará para a M. G. M. uma película intitulada «O mexicano».

**ROSCAE** Arbuckle, o ex-artista cinematografico que era mundialmente conhecido por Fatty, possui actualmente um café em Culver City.

## ALLEGRO

O unico afiador-assen-tador de laminas garantido aos compradores.



SEJA ECONOMICO!!

Comprando um «Allegro» que lhe fará durar uma lamina durante muitos meses tornando lhe o barbear sempre agradável.

Tenha cuidado com imitações grosseiras que só o prejudicam

A' venda em todas as boas casas da especialidade Representantes para Portugal e Colonias

SILVA & TERENAS, LTD.

Rua do Crucifixo, 31-3.º — Telef. C. 2629 — Lisboa



PELO TURISMO: — No Hotel de L'Europe e pela iniciativa do grande industrial hoteleiro sr. Alexandre de Almeida, foram ha dias inaugurados os novos escritorios para a expansão turistica. Houve um banquete festejando a iniciativa do qual o nosso fotografo fixou a assistencia.  
(Clichê Ferreira da Cunha)



AMELIA REY-COLAÇO, a grande actriz interpretadora dos lindos versos da poetisa gallega Rosalia Castro.  
(Foto «Silva Nogueira»)



VILA FRANCA DE XIRA: — No teatro Vilafranquense continua a ser representada com raro brilho, por distintos amadores, a revista regional «Rosa Branca», original do sr. Reis Sousa. O nosso fotografo fixou dois aspectos do curioso e interessante espectáculo.  
(«Clichês» Ferreira da Cunha)



VILA DO CONDE: — A procissão de Cinza em Vila do Conde. O patio.  
(«Clichê» Jaime Ferreira)

PORTO: — «Cross» do Academico. A «equipe» Victoria, vencedora do bronze Xavier de Araújo.  
(«Clichê» Jaime Ferreira)

O INICIADOR DO ESCOTISMO EM PORTUGAL

O general Baden Powell, o formidável organizador do Escotismo, foi recebido carinhosamente na capital.

Lisboa saudou-o com efusão, tendo o Chefe do Estado dado o exemplo, recebendo-o na cidadela de Cascais. Uma brilhantíssima parada de escoteiros portugueses foi a colaboração mais emocionante deste belo recebimento com que a nossa cidade acolheu Sir Baden Powell. Algumas centenas de rapazes do escotismo português, lisboeta e das províncias, desfilaram perante o ilustre visitante, com um soberbo «aplomb» cumprimentando-o em continência solene.



EM CIMA: — Sir Baden Powell, o grande criador do Escotismo Internacional.  
A DIREITA: — A grandiosa parada dos escoteiros.—(Clichés Ferreira da Cunha)

# SPORT

O DESAFIO NORTE-SUL

DESPERTOU um alvoroçado interesse o último desafio de foot-ball realizado em Lisboa, entre a seleção do Norte e do Sul de Portugal. Houve momentos de sensação, lances arriscadíssimos, golpes de rara pericia em que os jogadores se afirmaram valentes, destros e habilíssimos.

Por fim, após alguns encontros que causaram «frisson» a seleção do Sul venceu a do Norte, tendo obtido quatro goals, contra um.

Desafios como este marcam, cada vez mais nitidamente, o entusiasmo que existe em Portugal por tudo quanto seja desporto, desde que seja—como ultimamente se vem fazendo entre nós—desporto pelo desporto, como argumento unico de reabilitação da raça, como desenvolvimento salutar da mesma.

(Clichés Raul Reis)



Fase interessante do desafios de foot-ball entre o Norte e o Sul de Portugal.

Outro aspecto curioso do torneio foot-balístico



# RAMON

NOVELA INÉDITA  
POR  
O HOMEM QUE PASSA

ONDE SE CONTA UM CASO VERDADEIRO,  
PASSADO ENTRE DOIS PEQUENOS GALEGOS E QUE É UMA ADMIRAVEL PAGINA  
DE SOLIDARIEDADE HUMANA—E DE TER-  
NURA FRATERNAL.

**E**RA um dia, claríssimo e fino, em Abril. Este céu de Lisboa tem, às vezes, depois das semanas de chuva, transparências diafanas. Via-se da Costa do Castelo, a barra toda. Cacilhas fumegava, na tranquilidade da manhã, encostando a timidez do casario branco à elevação do grande morro do Alentejo. Estávamos a contemplar o rio, na cerca da Tutoria da Infância, à Graça, estirada a esse sol de maravilha.

Algumas vezes, o sábio Padre Oliveira, o grande legislador, com o seu

sorriso macerado e doente, levava-nos a ver brincar os garotos que a policia apinhára na rede miúda das buscas noturnas.

As cabeças, luzidas como melões ao sol, brilhavam nas correrias do recreio. Daquela escumalha de pequenos bandidos saía, purificada pela disciplina suave do bom sacerdote, uma gralhada alegre, despreocupada e sábia.

Avesitas perdidas no espesinhar das vielas, ele recolhi-as com um abraço, limpava-as da mácula ou da doença precoce, e lançava-as então ao mundo — como homens úteis, seguindo um rumo, procurando talvez conscientes um

destino novo ou já iluminados interiormente por uma pequenina chama de fé...

\* \* \*

Chegou-nos a semana passada esse pequeno galego, disse o padre—e apontou um garoto baixo, enxebre, côr de terra, cabelo rapado e louro, o nariz fino e duas contas azuis como turquezas a brilharem nos olhos, entre a penugem tenuíssima dumas pestanas claras.

—Veio imundo. Foi prêso por ter roubado numa carvoaria duzentos mil réis. Depois fugiu, andou a monte, e uma noite destas a policia deitou-lhe a unha em Monsauto, numa das cavernas, junto dum cavalo morto.

—Vou talvez repatriá-lo, ou entregá-lo ao Consul. Não tem familia. O carvoeiro onde éle estava, foi para o hospital e a loja está fechada.

Encarámos o pequeno.

Uma serenidade minguada passava no seu olhar fino e claro como o dos cordeiros. Uma lanugem fina, suave e doirada, envolvia-lhe a tez, espalhando uma aureola a contra-luz do sol.

Um ritmo de pureza e de casidade dava, ao seu corpito um ar de raça pura; e a candidez ingénua dos seus gestos tinha figuras que empunham nos quadros de capela, uma haste de açucenas, florida e branca...

Aquele pequeno não podia ser um criminoso. Roubara talvez acossado pela fome. Um pouco de pão e de carinho poderiam salvá-lo.

—Então atrevi-me a dizer ao director:

—O sr. tem a certeza de que aquele pequeno roubou, que é um delinquente?

—Eu não tenho aqui pequenos que o não sejam; respondeu um pouco sécamente o meu amigo—ou julga que eu recebo aqui creanças que não tenham cometido, averiguadamente, delictos?

—Desculpe, padre Oliveira—mas é que me pareceu que esse pequeno, com essa cara, não podia ter praticado um roubo conscientemente...

—O mais conscientemente possível, meu amigo! Roubou e fugiu! E se o não tivéssemos aqui, teria já roubado outra vez. Os artistas como o senhor não servem para juizes. E, vá-se com esta!

\* \* \*

Duas semanas depois encontrei num ministério o Padre Oliveira. Quasi nem o distinguia na penumbra duma velha ante-câmara desconfortável. O meu amigo dormitava. Quando lhe falei, o antigo director da Casa de Correção de Caxias, teve um sorriso de contentamento.

—Ainda bem que o encontro!

Estava para lhe escrever. Você tinha razão quando teimava comigo que aquele galeguito da Tutoria não roubára.

Quere saber a história?

Então, os minúsculos olhos do padre Oliveira brilharam no escuro.

A sua tez palidíssima animou-se, e as suas mãosinhas descarnadas como pequenas garras gesticularam sem descanso, desenhando no ar, com ternura, o contorno da historieta. E foi num ar, de intimidade contente que ele me disse:

—O galeguito—começou—, foi raptado!

—Raptado?!

—E' como lhe digo. No dia seguinte a você lá ter estado. E sabe por quem? Por outro galego. Ora oiça, e oiça com atenção, porque, em tantos anos que eu tenho andado a estudar o coração das crianças, nunca vi nada que se compare com isto.

Vale por um poema de ternura e de solidariedade.

Ramon, de Sangenjo, Pontevedra, era o galeguito que você viu. Com ele viera da mesma terra, um outro pequeno—de nome Lourenço, e da mesma idade. Tinham ambos 15 anos. Um foi para uma carvoaria à Rua dos Mastro, e ficou em casa de patricios.

Outro arranhou para moço de cozinha, num hotel Almeida. Viam-se às vezes, ao domingo, e iam os dois tomar a brisa fresca da Ribeira, e passear as melancólicas saudades da sua aldeia distante pelos areais do Aterro.

Mas, desde um certo dia, o Ramon nunca mais apareceu. O outro galeguito, surpreso, foi rondar a carvoaria. Passou um domingo triste, sentado na soleira da loja cerrada, a olhar as pedras da vieia.

«Que a loja tinha fechado, que o patrão estava doente, e que o galego pequeno que lá tinha metido saiu um gatuno»—isto lhe disse a mulher que vendia castanhas na taverna em frente.

O pequeno ouviu a noticia embasbacado. Um fogo de vergonha subiu-lhe à cara. Duas lágrimas enormes espelhavam-lhe os olhos. E roubou?—preguntava a custo, mordendo o beijo

## Um animal precioso

EM 1919, foi, pela primeira vez, possível, trazer para a Europa um exemplar vivo de certa espécie de animal que habita nas florestas virgens do Congo Belga, principalmente nas margens do Duellé. Tratava-se dum animal conhecido pelo nome de «okapi» e que é um mixto de zebra e de antilope. O exemplar transportado para a Europa, para o jardim Zoológico de Anvers, durou apenas três mezes, depois de deslocado do seu «habitat».

Recentemente, uma nova tentativa de acli-



matação dum «okapi» está sendo realisada. Um missionário—o irmão José Hutseland—das Missões Católicas de Buta, já conhecido pelos seus admiráveis esforços em favor da utilização agrícola do elefante, conseguiu capturar e domesticar um «okapi», que ofereceu à rainha Isabel da Bélgica, por ocasião da sua passagem em Buta. O «okapi» foi amamentado a «biberon» até aos fins de 1927, e, a partir dessa data, sustenta-se de bananas e legumes. Conta, actualmente, três anos, e goza florescente saúde.

.....  
fino e vermelho.—Eroubou, e está preso, o Ramon, na cadeia... dizia com a sua terníssima pronúncia característica, e que eu desisto de imitar.

Depois, foi-se pela rua fóra, num choro silencioso, encolhido, como se um pouco da sua vida ali ficasse, na porta negra e fechada da carvoaria...

\* \* \*

Mas nunca mais lhe esqueceu o drama do pobre Ramon. Sempre que podia, o companheiro ia à Rua dos Mastro rondar a casa. Inquiria, escatava, fazia policia por sua conta. Entrou em pormenores. Falou a patricios que fre-

quentavam a loja, e, um dia, de conclusão em conclusão, esperou à saída, dum mercearia fronteira um marçano que trabalhara e fóra camarada do pobre Ramon agora preso. Era de noite. O galego era mais miúdo, mas mais forte, baixo e entroncado. O outro era esgroviado e alto.

—Diz-me cá, disse-lhe o Lourenço, violento: Foste tu que roubaste... eu sei! Foste tu que ameaçaste o Ramon de que lhe baterias se ele te denunciava. E ele, para te fugir, e para se não acusar, abandonou a loja. O outro negou. Mas o galeguito, congestionado, os olhos a faiscarem-lhe, a cabeça perdida, atirou-se a ele. Foste tu! Dá cá o dinheiro! Olha que te enterro esta faca no peito!

E então nas suas mãos trémulas, à luz do bico do gaz, uma lâmina faiscou. O outro acobardou-se, caiu de bruços, e sem levantar a cara, entregou-lhe um caderno velho de oleado onde repousavam intactas as duas notas de cem mil réis...

\* \* \*

Não descansou um minuto. Correu como doido. Indagava, implorava. Entrou na esquadra, no Governo Civil, e, já de madrugada, sob a luz violeta da manhã, foi rondar o muro da quinta da Tutoria, à Bela Vista...

O padre Oliveira fez uma pequena pausa e depois concluiu:

—Não sei como ele fez aquilo, nem como escalou o muro—mas às 9 horas da manhã o galego que você viu tinha fugido, e sobre o terreiro do recreio, envolvidas num pequeno papel, estavam as duas notas de cem mil réis e estas simples palavras:

O Ramon não roubou.



Acabam de chegar as grafonolas americanas «PAC»

As ultimas novidades em discos alemães «CLAUSOPHON»

Façam os seus pedidos com urgencia ao Representante e Depositario para Portugal e Colonias:

**Antonio N. Coelho Serra**

R DOS CAMINHOS DE FERRO, 86

LISBOA

Telefone: C. 1340

Telegramas: «CONFIANÇA»



## ACTUALIDADES GRAFICAS

«A' ESQUERDA»:—Foi com grande brilho que se realisou na Caixa de Solidariade dos Vendedores de Jornaes uma simpatica festa para celebrar a passagem do 3.º aniversario da sua fundação.—«A' ESQUERDA, em baixo»:—A assistencia á festa realisada no passado dia 3 na Junção do Bem, festejando o seu 17.º aniversario, cerimonia que teve a assistencia do Chefe do Estado e membros do governo.—«A' DIREITA»:—Realisou-se na segunda-feira a abertura do Curso de Medicina Sanitaria no Instituto Central de Higiene. Eis o curso inaugurado.

(Foto «Noticias»)



O Seu Automovel  
- E' de Luxo  
Do Ultimo Modelo?

**ENTÃO:**

o lindo e brilhante acabamento da  
carrosserie é a

**Berrylloid**  
PINTURA POR PULVERISACÃO

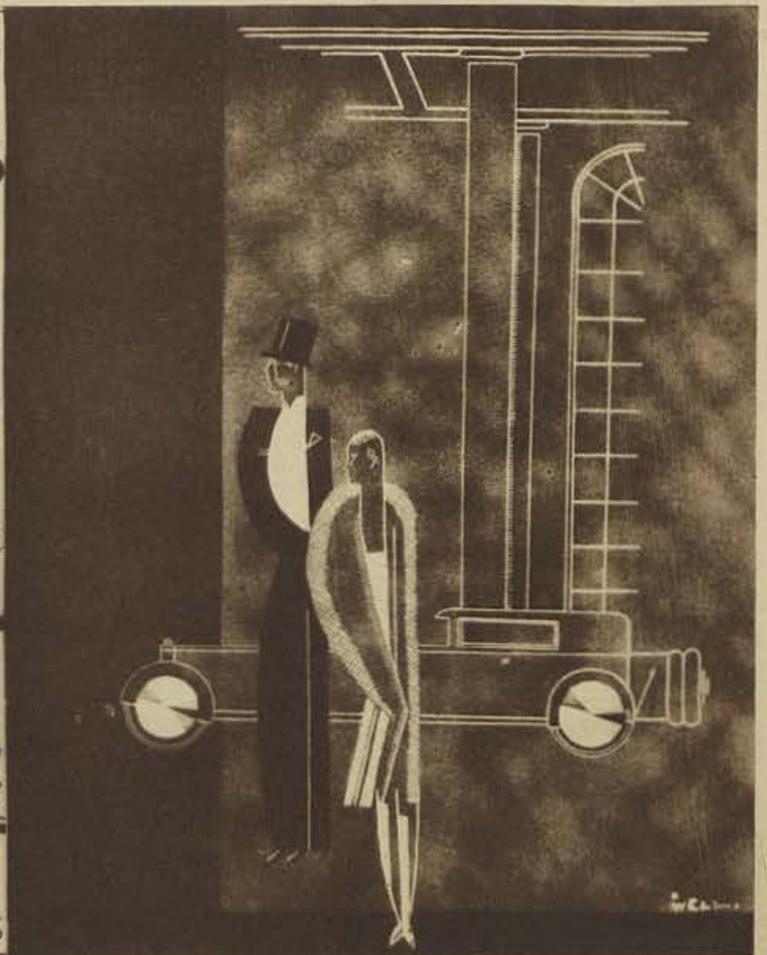
USADO NOS AUTOMO-  
VEIS DE MAIOR LUXO  
AMERICANOS E EU-  
ROPEUS

*As melhores oficinas empregam a  
Berryloid*

**Berry Brothers, Inc.**  
LACAS - ESMALTES - VERNIZES

AGENCIA GERAL

**C. E. MOITINHO D'ALMEIDA**  
RUA DA PRATA = 71 = 12 = LISBOA - TEL: C.1056



# CÓMO SE FAZ O "NOTÍCIAS" ilustrado



Um detalhe da tipografia.



A secção do retoque.

E' assim. Com energia e com trabalho que, pela primeira vez em Portugal, se faz rotogravura! Animos alevantados e crenças firmes, resolveram trazer para o nosso paiz o difficilimo e moderno processo de gravura em cobre. E o resto é o que o público tem visto:—



Impressionando a matriz.



A melindrosa operação da reportagem.

A montagem do jornal.

«O Noticias Ilustrado» que marcará, por todo o sempre, nas artes graficas portuguezas, o inicio e a introdução, em terras luzitanas, do difficilimo processo da rotogravura. As nossas gravuras apresentam algumas fases da última palavra na impressão de jornais modernos.

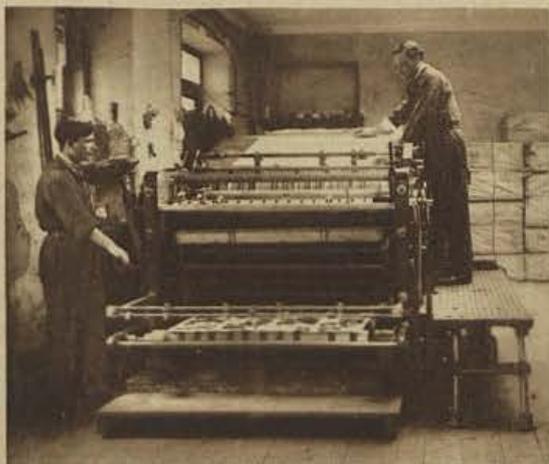
(Clichê Ferreira da Cunha).

A maquina de impressão.

Os escritorios.



Pulindo os cilindros de cobre.





# miscelanea feminina

## Três criadas de servir—Um noivo de 130 anos —A última de Mustaphá-Kemal

NUM dia da semana passada, uma pobre rapariga, criada de servir, ao transpôr alegremente a porta de um quarto andar da Rua dos Sapateiros, com uma criança que lhe chilhava nos braços, deixou-a escapar e a inocentinha veiu estatelar-se no duro ladrilho do patamar, horrorosamente mutilada. Fora uma tração de végo Destino, fora uma traquinice, uma travessura, um arremesso da pequenita, que por um descuido momentâneo, uma negligência tão rápida como o relâmpago, a pobre criada, não pudera prevêr. Que se passou entretanto no cérebro em fogo da aflita criada, ao vêr a trágica consequência da sua fugaz falta de cuidado? Ninguém o poderá escrever com precisão. Sabe-se apenas que, segundos passados, junto da criança martirizada, um outro corpo jazia, precipitado lá do alto também e apresentando, num charco de sangue, poucos ou nenhuns sinais de vida. Não esperava que ninguém lhe ralhasse, a censurasse ou lhe viesse a pedir contas da sua nefasta imprevidência. Fizera justiça por si e, há dias, agoniza num leito da Sala de Observações do Hospital de S. José. Do Necrotério, da vala comum, só um milagre a poderá salvar e médicos e cirurgiões não acreditam, geralmente em milagres...

Outra criada de servir, no Porto, repetiu uma scena que, em tempos, deu brado na Figueira da Foz. A ama, farta de lhe aturar as mazelas, entendeu por bem despedi-la. Não lhe convinha. Ouviu proferir a sentença que a expulsava daquela casa que, no fundo, odiava, e, logo no seu espirito eclodiu a idéa da vingança, vingança selvagem, vingança torva, vingança odienta e mortal. Um frasco contendo uma solução de sal de azedas, destinada a lavagens de cozinha pareceu-lhe de demetada criatura que lhe abria um sorriso de cumplicidade maligna, da prateleira onde se encontrava. Pegou nele e despejou-o na panela da sopa que a ama havia de ingerir. O resultado não foi tão completo como a sua alma hedionda esperava. Uma lavagem do estomago, feita a tempo, livrou a intoxicada de uma morte cruel e, quanto à criminosa, aguarda, agora, na prisão, que justiça, justiça exemplar, lhe seja feita.

Ainda outra criada temos aqui a retratar



Como ladra deu entrada nos calabouços do Torrel. Os amos acusavam-na de ter furtado um brinco de brilhantes. Debalde se lhes rojou aos pés, protestando em lágrimas e brados conflagradores a inocência. Os agentes da P. I. C., habituados ao trato de criminosos de toda a espécie, foram mais humanos, acreditaram-na. E, de averiguação em averiguação, retiraram da pobre rapariga o labêu que a oprimia. Não era ladra. O brinco perdêra-o a ama em divertimentos e folganças durante o Carnaval. Ao sair da prisão entrou naquela casa aonde a haviam entregue à polícia, levando na frente o estigma da ignomínia. Um moço esperava-a cá fora para lhe levar a mala onde guardava a roupa. Quan-

do lhe falaram em ficar, abriu os lábios para deixar escapar um não, um não formal, seco, rispido, quasi agressivo. Apenas, enquanto ali esteve, pronunciou este monossílabo e saiu, lançando todo o desprezo do seu silêncio sobre quem lhe lançara a aviltante acusação.

Três criadas de servir em bruto, representam tão bem o seu sexo como três duquesas lapidadas. E, depois destes três exemplos tão diferentes, ainda haverá o direito de afirmar, desdenhosamente, que as mulheres são todas iguais?

O cidadão albanês Juredim Lame conta a bonita idade de 130 anos. É um homem de três séculos, pois viveu um ano do Século XVIII, papou os cem anos do Século XIX e já vai com



os vinte e nove deste Século XX. E, a despeito da longa caminhada percorrida, este novo Matusalém ainda se encontra em estado de provar que é um homem e um homem às direitas. Pelo menos a sua última resolução revela uma coragem e um atrevimento inauditos: casar-se. E não julguem que foi procurar noiva em marcróbia da sua idade ou parecida. Não senhor. Resolveu-se a colher as primícias amorosas de uma rapariga de vinte anos, por sinal bem formosa, que, por sua vez, declara também casar-

# PACKARD

CARROS DE 8 CILINDROS

O mais elegante dos  
carros

Pedir informações e visitar o nosso

SALÃO DE EXPOSIÇÃO

4, P. Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

Orey Antunes & C.ª L.ª

LISBOA — PORTO

se por amor com o interessante patriarca. E o dueto do Gêlo e da Lsrelra, que há anos fez furor no Eden, levado à vida real.

Debalde os trinétos de bom albanês, avidos da sua herança, pois trata-se de um agricultor que tem uma situação económica bastante desafogada, pretenderam embargar o enlace, levando o caso para a justiça, pois esperavam que esta encontrasse motivo legal para não deixar consumir o acto, dando o velhote por interdito. Expediente inutil. As autoridades medicolegales, chamadas a Intervir, declararam que, contra o que seria licito esperar-se, o homem estava em condições físicas e mentaes de contrair matrimonio e que, portanto, poderia casar-se com quem lhe desse na gana. E o casamento fez-se com gaudío dos noivos e desespero dos presumíveis herdeiros, que assim viram fugir-lhes os cobiçados bens do seu duplamente respeitavel ascendente.

E muito mais desesperados ficarão estes se, dentro dalguns mezes, as crónicas mundanas dos jornaes registarem uma feliz «delivrance» de Mme. Juredim Lame.

A revolução que Mustaphá Kemal vem operando nos velhos dominios da Sublime Porta tem, por vezes, nos seus pormenores, aspectos incompreensíveis, sendo entre alguns deles flagrante a incompatibilidade. A civilização ocidental foi o egregio ditador otomano buscar as bases em que deverá assentar o progresso do antigo imperio dos sultões. O fez e o turbante deram lugar ao côco e ao chapéu mole; o veu deixou de ocultar o rosto formoso de odiscas e sultanas; o serrailho representa apenas a recordação de uma época prescrita e a mulher turca, emancipada, mostra as pernas, planta os lábios, corta os cabelos, vai ao teatro e ao cinema, e, nos chás das cinco, mostra a desenvoltura de uma parisiense ou de uma new-yorquina. O velho Maomet, lá do seu paraiso, deve estar bastante furioso com taes inovações, vendo as mesquitas desertas e os dancings cheios.

Contudo, nessa grande revolução de Mustaphá Kemal, uma coisa agora surge, com a qual, o Profeta deve esfregar as mãos de contente, considerando-a como um autentico castigo para os descrentes. É uma verdadeira arremetida de nacionalismo feroz, como doutra não há memoria em tempo e lugar algum e em flagrante contraste com a grande maioria das medidas de europeização promulgadas até hoje. A assembleia nacional de Angora acaba de aprovar por esmagadora maioria—não fossem as maiorias o mesmo em toda a parte—uma lei pela qual os funcionarios publicos, civis e militares, ficam inibidos de contrair matrimonio com estrangeiras.

«Os turcos para as turcas» é uma divisa que ficará na história como a de Monroe. E a medida tem efeitos retroactivos, porquanto serão demittidos todos os officiaes do Exército e Armada e funcionarios do Ministerio dos Negocios Estrangeiros casados com mulheres estrangei-



ras, a não ser que imediatamente requeiram e obtenham o divorcio. Isto para alguns vai ser mais doloroso que um imposto de salvação publica... mas há que obedecer, pois com dictadores e ditaduras não se brinca.

As mulheres turcas, porem, estão de melhor partido que os homens. Elas poderão eleger marido que não seja compatriota seu. A lei não lhes nega esse direito e muitas haverá que, não só usá-lo, como abusarão. E em materia de abuso, quando para isso lhe dá, a mulher, seja turca ou não turca, não deixa o seu credito por mãos alheias.

SAUL TOPASBA

# XADREZ

A correspondência sobre esta secção pôde ser dirigida a Pereira Machado, Grêmio Literário, Rua Luens, n.º 37.

## N.º 46 PROBLEMA

A. Mari

1.º premio—Die Schwalbe 1928

Pretas (6)



Branças (8)

Mate em dois lances (2)

Solução do problema n.º 44

(Neunywako e Kragloff)

1 D-f4

Solucionistas—C. Eleuterio d'Almeida, e Maximo Jordão.

# CHARADAS

SECÇÃO CHARADÍSTICA SOB A DIRECÇÃO DE «VISCONDE DA RELVA»

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho, Rua D. Pedro V, 18—LISBOA.

ANO I—N.º 48 MARÇO, 10  
4.º TORNEIO 1 9 2 9

RESULTADOS DO N.º 43

Produtores

QUADRO DE DISTINÇÃO

RUI SEVERO	
N.º 3	10 Votos

N.º 1, de «Saidavlis»	2 Votos
N.º 2, de «Melro»	1
N.º 10, de «Africano»	1

## Decifradores QUADRO DE HONRA

A. D. MEIRA—AFRICANO  
JOTEMIRA

Com 20 decifrações—Totalidade

## QUADRO DE MERITO

CAPITÃO BOCHE, 17—IRMÃOS GALIOS, 16—FRANCO ACIS, 14—JOÃO COLORAU, 14—LAURITA, 14—TANAGRA, 14—TREMPE, 14—FONTELISIO, 13—SOBA DA TORRE, 13—MISTER MISTERIO, 11—MANUELA R. MOURÃO, 10.

## OUTROS DECIFRADORES

Colibri, 9—Artinity, 7.

### Decifrações

1 Banzado—2 Porque—3 ASTROSO—4 A esperança é o sonho do homem acordado—5 Literato—6 A, ama, aplo, América, alisa, ôca, a—7 Macaco, aveia, cepa, ala, ca, o—8 Gramata prata—9 Data-de-rão—10 Acerto—11 Frário—12 Passagem—13 Aroela—14 Tedioso—15 Esclarecido—16 Agadador—17 Quasimodo—18 Taramela—19 Tarama—20 Tate.

BICUDAS—Nos 1 e 16, respectivamente de «Chica Saloia» e «Renandof», com 4 decifrações cada uma.

GENTILEZAS—«Soba da Torre» decifrou a charada que «Don X» lhe dedicou.

### CHARADAS EM VERSO

- 1 Pedi a Deus, «duas vezes», 1  
Uma noiva com dinheiro;  
Mas passaram já dez meses,  
E eu sem cheta lnda solteiro,  
Tive a audácia de pedir,—2  
F-m casório, uma «carcaça».  
Mas, a velha pôs-se a rir,  
Porque viu que eu qu'ria a massa,  
Oh! traçoetro destino,  
Faz de mim homem casado,  
Que em troca, um lindo menino,  
Te dou p'ra teu afilhado.

Matra CHICA SALOIA (T. E.)

2 Foi na onda, foi no vicio,—2

A «mulher» do Baltasar.—2

Após muito sacrificio,

A um cárcere foi parar.

Pôrto. MISTER MISTÉRIO

(Ao confrade «Chica Saloia»)

5 Quem me dera lavar a cara

Nas tuas lágrimas brilhantes;—5

São poderosos diamantes

Dum bea que em tanto amara...

Causa pena a minha dor,—1

Ver frustrado o meu intento

Que p'ra mim, é um sofrimento

Para me matar. O meu amor...

Pôrto SAIDAVLIS

ENIGMA EM VERSO

4 Forma letra repetida

Este enigma pobre e chocho,

Cujo verso sem medida

Mostra bem ser todo coxo,

Lisboa A. D. MEIRA (A. C. P. B.)

CHARADAS AUXILIARES

—par—Bater

—pe—Pancada

—par—Roubar

Lisboa Género de crustáceos.

0 —a—Deusa ARTINITY

—a—Mulher

—a—Grandes riquezas

—a—Falsa

—a—Cela

Lisboa Muito presumido

Lisboa CARDIAL DE VIGNY

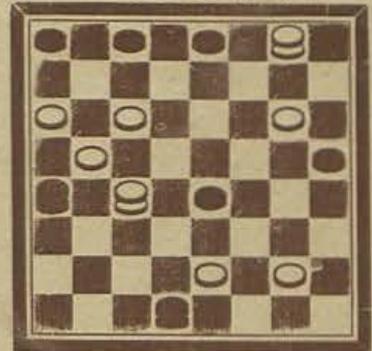
# DAMAS

Toda a correspondência referente a esta secção, deve ser enviada a Artur Ferreira Santos, para o «Noticias Ilustrado», Rua D. Pedro V, 18.

## PROBLEMA N.º 38

de Antonio Jose de Mira

Pretas 2 D. e 5 pedras.



Branças 2 D. e 6 pedras.

Saem as brancas e ganham

O problema publicado no ultimo numero foi-nos enviado pelo Sr. Fabiano.

O problema hoje publicado é pelo autor dedicado ao Sr. Mario Domingos Pereira.

### CHARADAS EM QUADRO

7 Alimentação  
Descendente de Maloma  
Instrumento-  
Argolas

Lisboa COLIBRI

8 Reducação

Modo de andar

Tumor

Navegar

S. J. de Berra SOBA DA TORRE (A. C. P. B.)

CHARADA SINCOPADA

9 Todo o homem grosseiro é violento.—5-2.

Lisboa AFRICANO (A. C. P. B.)

10 O homem que tem trato com o diabo recebeu uma bela gratificação.—5-2

Matra XIGATO (T. E.)

CHARADAS NOVISSIMAS

(Respondendo ao confrade «Saturno»)

11 Por ser uma pessoa simpliciória não tinha tenção de inutilizar as abórgias; agora vejo que procedi totalmente.—4-2.

Barcarena BRITABRANTES (P. C. P. B.)

12 Ao dar a segunda camada notei um defeito que me deixou embarcado.—2-2.

Lisboa CAPITAO BOCHE

13 Prepara-te, sim, para combater a abjuracao.—5-1-1

Gala CONDE SABUGO

14 Olha que desse lado está um «moscardo»!—2-2.

Oeiras JOÃO COLORAU

15 Está velho do uso o livro em que «pegos».—1-2.

Pôrto RENANDOF

TERMINA COM O PRESENTE NUMERO

O 4.º TORNEIO DESTA SECÇÃO

## Drogaria e Perfumaria

Completo sortido em perfumarias dos melhores fabricantes.

Colossal sortido em Especialidades Farmaceuticas nacionais e estrangeiras a preços muito resumidos.

ALVAREZ & C.ª, IRMÃO

RUA DA PRATA, 223—LISBOA

TELEFONE 1732 7.

J. V. Feijó, L.ª DA

OURIVES-JOALHEIROS

Rua da Prata, 299-303 LISBOA  
Rua da Beiresga, 51-55

Como se regeneraram menores delinquentes

# O Reformatório de S. Fiel



Um grupo de internados. Dr. Ramos Preto, director do Reformatório.



Affalatos...

numa dobra da Gardanha, em lugar privilegiado, entre florestas e pomares viridentes—para educação de rapazes. E muitos—por centenas se contam—foram os rapazes portugueses que frequentaram esse estabelecimento de educação—hoje homens, alguns dos quais ocupam lugares de destaque nos varios departamentos da vida pública nacional...

Pois o antigo Colégio de S. Fiel, extinto após a proclamação da Republica—com a expulsão das ordens religiosas—transformou-se noutro instituto de educação que constitui, pela sua organização e pelo seu alto objectivo moral e social, um justo titulo de gloria do regimen republicano. Mudou o nome, pois, em vez de Colégio, passou a chamar-se Reformatório de S. Fiel, que faz parte dessa admirável obra que é a Federação Nacional de Protecção à Infancia. De facto, o Reformatório de S. Fiel, superiormente dirigido pela alta competência tecnica e pela dedicação

COMO SE REGENERAM, PELA DISCIPLINA E PELO TRABALHO, OS MENORES DELINQUENTES EM PERIGO MORAL.

O Colégio de S. Fiel! Ha por ai, através de Portugal inteiro, muita gente que se recorda do antigo colégio de Louçal do Campo, que os Jesuitas construíram—ali,



O Director, sub-director e o corpo docente de S. Fiel. Secção Agricola: Serrando lenha.





os proprios êcos do lar e as péssimas circunstancias do meio social levaram, um dia, ao Tribunal das Tutorias, onde foram julgados... São menores delinquentes, em perigo moral, que resvalariam inevitavelmente para o abismo—«abyssus abyssum invocat»—, se o Estado, numa sã cruzada de profilaxia moral e social, os não tivesse recolhido e, recolhendo os, os não transformasse, pela disciplina e pela acção

(Continuação na pagina 30)

carinhosa do sr. dr. José Ramos Preto—antigo ministro da justiça e presidente de Ministério, da República—, é um modelar estabelecimento official de protecção à infancia. Ali vivem internados perto de 100 rapazes que a Rua—«escola de crimes», na frase lapidar do saudoso Padre António de Oliveira—arrastou à vadiagem e ao vicio, ou que as taras hereditarias ou atávicas de familia,

O terno de corneteiros.



Distribuição do caldo,

Cinco empregados, ex-internos de S. Fiel.



Officina de funileiros.



Antonio Espirito Santo, há cinquenta annos typografo do «Diario de Noticias» foi, no dia 27 do mês de Fevereiro, agraciado pelo Governo da Republica com as insignias da ordem de Merito Agricola e Commercial.—(«Cliché J. M. Ribeiro»)



O pianista Jaime Silva que no seu ultimo concerto affirmou os seus grandes recursos de artista.



O artista cinematografico Antonio Duarte—irmão de Artur Duarte da U. F. A.—que ao cinema nacional tem dado todo o seu esforço, no papel de Antonio Domingues no filme «Os olhos da Alma».

# O COLÉGIO DE S. FIEL

(Continuação das páginas 28 e 29)

proficua do trabalho, em homens úteis a si próprios e úteis à sociedade.

É o Reformatório de S. Fiel uma bela Casa de trabalho e de educação, com suas oficinas próprias, «ateliers», salas de aula, e terra de amanho e cultura. 94 rapazes, desde os 9 e 10 anos aos 16 e 17, rapazes vindos de todo o País, mas especialmente de Lisboa—ventre prolifero de miséria, da degradação e do vicio em que as classes pobres, famintas, crescem e medram—estão entregues a uma disciplina pedagógica moderna e ao labor metódico da aprendizagem profissional—base da sua reeducação e escola de aperfeiçoamento dos seus caracteres.

Interessante é assistir ao funcionamento deste admirável estabelecimento oficial—desde o romper do sol, à hora do levantar, através da faina quotidiana no campo e nas oficinas, às aulas noturnas. Todo o dia os internados estão ocupados, a sua atenção entredida pelo trabalho, sem entre eles haver um incidente, sem uma

quebra de disciplina. E ao vê-los, assim, trabalhando na aprendizagem dos mais variados mestères, ninguém os julgará anormais, delinquentes em perigo moral—e alguns deles tem seu cadastro e foram criminosos...

Ao lado do cleptomano, de olhar estrábico, crânio anguloso, um rictus revelador de criminoso nato, trabalha o sadio, o «ardina» dos jornais que se habituou à «gandaia» e que resvalou na senda do crime. E trabalha ainda o filho da familia honesta, o rapaz que recebeu educação esmerada, perfil insinuante, maneiras delicadas, que, num desvário—às mil e uma portas que a sociedade abre aos incautos—, se deixou seduzir pela ilusão da libertinagem... E todos, acjam qualis forem as suas ascendencias, ricos e pobres, orfãos, filhos da ródá e do amor-peccado ou filhos do lar cristão e do amor-legal—todos se juntam, convivem, irmanados pela sorte, felizes por verem diante de si desabrochar um futuro novo—um futuro de trabalho e de honradez...

Há-os traquinas, azougados e há-os simples-humildes, obedientes. Os «filhos da Rua» for,

mam, no conjunto dos internados, um grupo à parte, característico. Não perderam a inquietude dos gestos, as maneiras sacudidas, a «gria» da linguagem, os tregeltes e os esgares—e os seus olhos, brilhando, são alegres, mexidos, prescurtadores. Tem graça—a graça dos «ardinas» de Lisboa. Destacam-se. Tem uma personalidade «sui generis»—e não são dos piores de suportar. Lembram aquelas avesitas loucas de alegria, travessas, argutas, que se riem do «espantinho» das searas e arrelham os lavradores, a quem roubam o milho e a centelo das eiras... Prendem-nas? Que importa, se continuam a cantar doadamente, alegremente?...

Mas... esta «prisão» dos «ardinas» e de todos os seus companheiros do Reformatório é necessária—é a sua própria liberdade futura. Se não fosse o Reformatório, pobres deles, o seu fim seria inevitavelmente o cárcere. Assim, reabilitam-se moralmente e socialmente e muitos deles serão amanhã operários honestos, homens de bem—como o são hoje alguns dos antigos internados que ocupam no Reformatório cargos de responsabilidade, funcionários que são felizes e cumpridores.

ARMANDO BOAVENTURA

(Fotografias do auctor)



vou dizer-lhe uma coisa muito confidencialmente: Os deveres sociaes causam muitas vezes cansaço ligado com fortes dores de cabeça.

Nestes casos tome, com toda a confiança, CAFIASPIRINA. Não sómente alivia as dores, mas tambem anima e refresca ao mesmo tempo, sem provocar efeito desagradavel algum. Não prejudica o coração nem os rins.

A embalagem original conhece-se pela cruz «Bayer» e a cinta azul e branca.

Não aceite comprimidos soltos!



## HOTEL AMERICANO

SITUADO NO PONTO MAIS CENTRAL DA CIDADE

(JUNTO À ESTAÇÃO DO ROCIO)

Rua 1.º de Dezembro, 73

Muito confortavel

Agua corrente

Quente e fria em todos os quartos

Casas de banho

Cosinha excelente

Preços moderados

Proprietário: CECILIO FERNANDEZ

## CASACOS DE PESES

A MAIOR COLECCÃO DO PAÍS—CORTE IRREPRENSIVEL—PELES DE 1.ª ESCOLHA—ACABAMENTO INEXCEDIVEL—FORROS ESPECIAIS.

CRIAÇÕES DE BERNARD E PICHON  
MOLDES EXCLUSIVOS DE PODSELYER

PREÇOS SEM COMPETENCIA POSSIVEL

RUA DO JARDIM, Á ESTRELA, 18

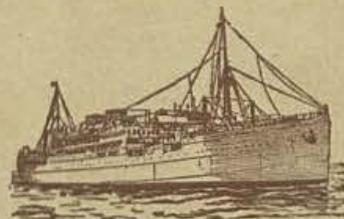
A melhor novidade do ano

Lapiseiras com 4 cores as quais 3 são de copia. Indispensavel a todos. Quereis tomar notas? Preto. Quereis emendar? Encarnado. Quereis salientar? Azul. Quereis assinar? Violeta.

DEPOSITARIO:  
**BENARD GUEDES, LTD.**  
RUA DO CRUCIFIXO, 75, 1.º — LISBOA

PREÇO ESC. 3500

## NELSON LINE



Os novos e magnificos paquetes

«HIGHLAND MONARCH»

DE 11500 TONELADAS

ESPERADO A 8 DE ABRIL E

«HIGHLAND CHIEFTAIN»

DE 11500 TONELADAS

ESPERADO A 20 DE MAIO

Para: Las Palmas, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires

Tarifa de fretes de 2.ª categoria

O novo e magnifico paquete

«HIGHLAND MONARCH»

ESPERADO A 4 DE MARÇO

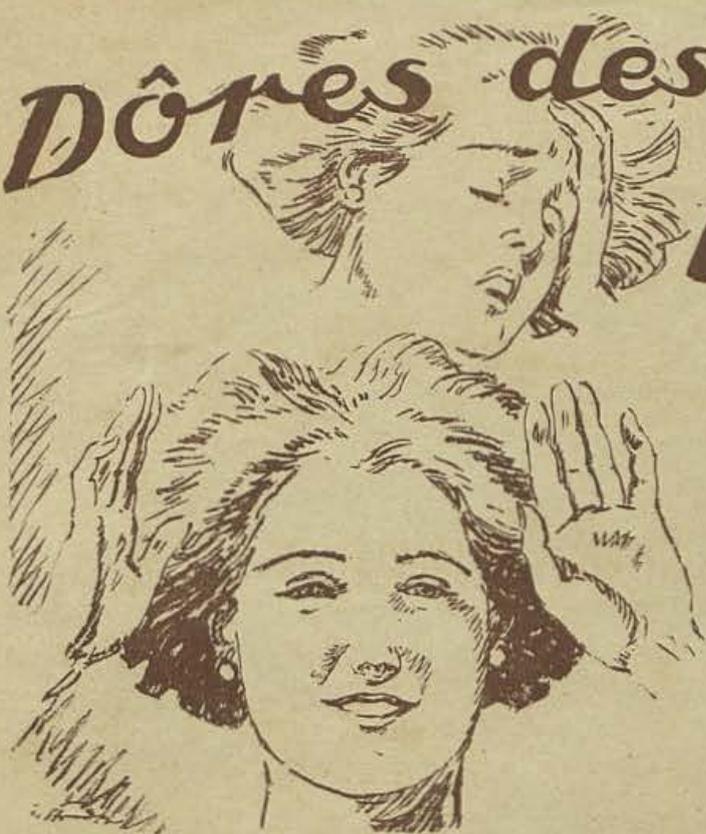
Para: Vigo, Boulogne e Londres

Para carga e passagens de primeira, intermediaria e terceira classes, tratar com OS AGENTES

Em Lisboa—E. PINTO BASTO & C.ª LTD

Avenida 24 de Julho, 1-1.º—Telefs. T. 3001-3002-3003-3004

# Dôres desaparecem com Veramon SCHERING



Que alegria vê-se aliviada de tais sofrimentos! A vida é outra sem esse sofrimento periodico do organismo feminino, causa de numerosos desgostos por dar malestar e mau humôr. 2 a 3 comprimidos de Veramon por dia não provocam o mais pequeno efeito secundario desagradavel e restabelecem o bemestar geral. Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,4 gr



## MUSICAS E PIANOS



ERNST  
KRAUSSE

Gramofones,  
discos de todas  
as marcas, ins-  
trumentos de  
banda e or-  
questra, accessó-  
rios.

Enviam-se pe-  
diços à cobran-  
ça.

Telefone T. 000

SEMPRE NOVIDADES

SOARES & VIANA, LIMITADA  
RU DO LORETO, 50 — LISBOA

Lave, ondule e corte o seu cabelo na

## Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 35-LISBOA

Telefone N. 3641



**Uma corrente dar-**  
e no dia seguinte V. tem a cabeça  
pesada, não se sente bem. Está-se  
a anunciar, sem duvida, uma  
**constipação.**

Previna-se contra perigos ulteriores  
e tome logo

## Comprimidos de Aspirina

que influem vantajosamente na per-  
turbada circulação do sangue.

Peça sempre a embalagem original „Bayer“  
com a cruz „Bayer“ e a cinta azul e branca



NÃO SE DEVEM IMPORTAR DO  
ESTRANGEIRO BILHETES POSTAIS  
ILUSTRADOS DE TURISMO

PORQUE se fazem em Lisboa,  
na Ocogravura Limitada — Rua  
D. Pedro V, 18,— muito mais  
baratos, mais perfectos e mais  
depressa.

## PETROMAX

Qualquer petroleo serve

124-RUA DO ARSENAL-1.º D.

LISBOA—TELEFONES C. 2550 OU 2210.



Candeiros desde  
18500 a 4 contos; 200 a  
6000 velas. Consumo  
\$07 por hora

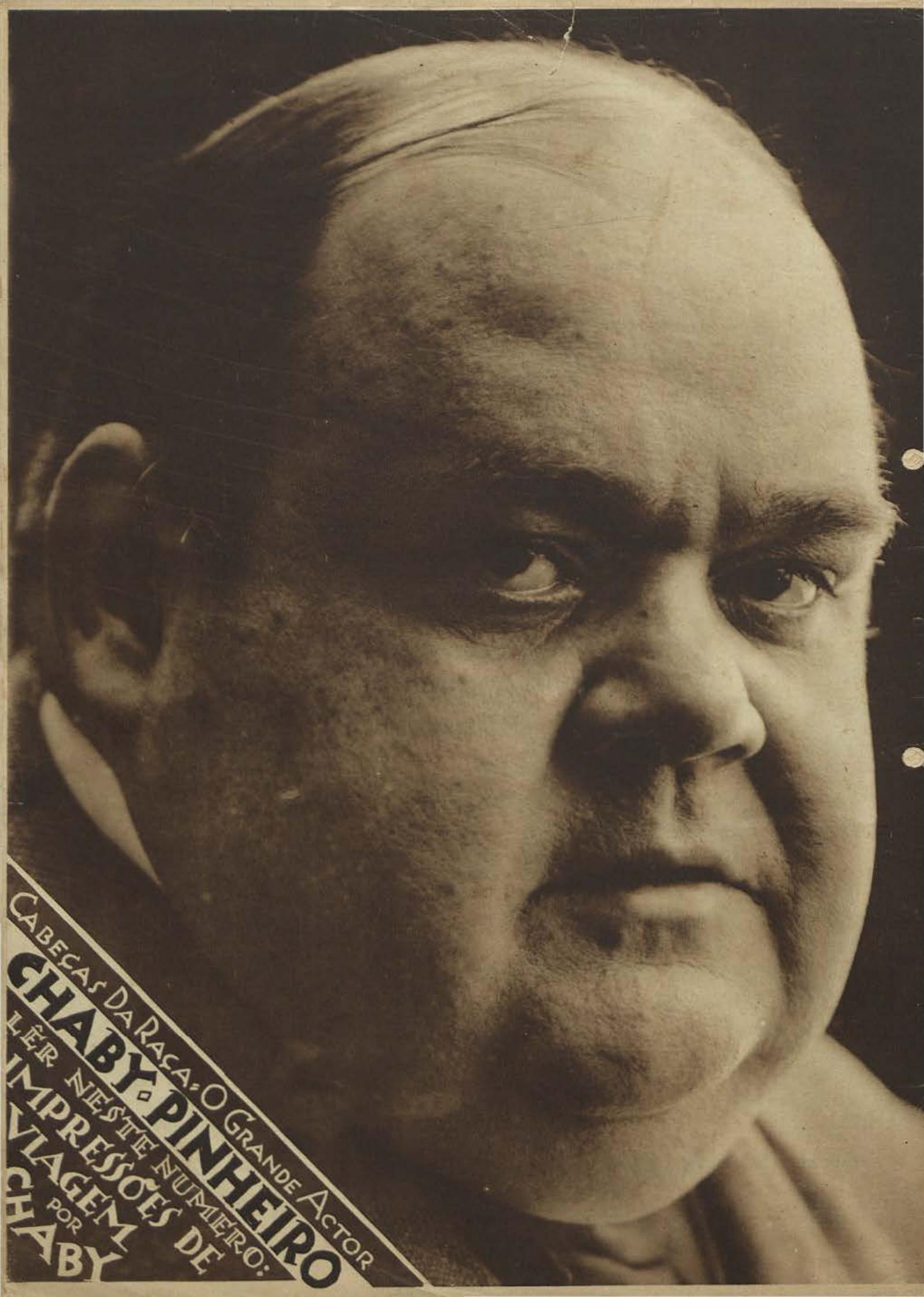
Uma boa luz e agradável  
temperatura dão alegria,  
vida e conforto ao lar.



Fogão Calorifero  
6500  
Consumo = 1 litro  
em 6 horas

Hoje, ha já 52 localidades em que a iluminação pública é feita a  
**PETROMAX**

PEÇAM O CATALOGO N.º 85



CABEÇAS DA RAÇA - O GRANDE ACTOR  
**CHABY PINHEIRO**  
LÉR. NESTE NUMERO:  
IMPRESSÕES DE  
VIAGEM  
POR  
**CHABY**